



Universidade de Brasília – UnB  
Faculdade de Educação – FE

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA REPRESENTAÇÃO ÉTNICO-  
RACIAL E NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS CRIANÇAS NEGRAS NA  
ESCOLA**

Daiana Carina Barbosa Araújo

Brasília – DF  
JULHO DE 2017

**DAIANA CARINA BARBOSA ARAUJO**

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA REPRESENTAÇÃO ÉTNICO-  
RACIAL E NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS CRIANÇAS NEGRAS NA  
ESCOLA**

Trabalho Final de Curso apresentado  
como exigência parcial para obtenção do  
título de Licenciatura em Pedagogia, à  
Comissão Examinadora da Faculdade de  
Educação da Universidade de Brasília,  
orientado pela professora Marly de Jesus  
Silveira.

BRASÍLIA – DF

JULHO DE 2017

DAIANA CARINA BARBOSA ARAUJO

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA REPRESENTAÇÃO ÉTNICO-  
RACIAL E NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DAS CRIANÇAS NEGRAS NA  
ESCOLA

Trabalho final de curso apresentado como exigência parcial para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia, à comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Aprovada em:

**Comissão Examinadora:**

---

**Professora Doutora Marly de Jesus Silveira (Orientadora)**

Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília

---

**Professora Doutora Patrícia Lima Martins Pederiva (Examinadora)**

Faculdade de Educação/ Universidade de Brasília

---

**Professora Doutora Norma Lucia Neris de Queiroz (Examinadora)**

Secretaria de Educação do Distrito Federal – UAB/UnB

---

**Professora Mestra Lucilene Costa e Silva (Examinadora)**

Secretaria de Educação do Distrito Federal

BRASÍLIA

JULHO DE 2017

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, por me doar a vida e ser a minha  
fortaleza em todos os meus momentos da minha jornada.  
À minha família que sempre acreditou nos meus sonhos e no meu potencial,  
sempre me dando apoio a cada vitória conquistada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela minha existência, e por todos os milagres que fez e continua fazendo em minha vida. Agradeço também por todas as oportunidades que ele me proporcionou, e principalmente a oportunidade de poder cursar em uma das melhores Universidades do País, um dos cursos que sempre tive o sonho de realizar.

À minha família que sempre me apoia em todas as minhas escolhas e decisões, especialmente ao meu irmão Maurício que nessa trajetória nunca me deixou desistir. Sempre me aconselhando a tomar decisões da melhor forma possível. Agradeço a ele imensamente por sempre estar comigo em cada momento, sempre disponível para me ajudar quando eu mais preciso e por ser um exemplo para mim.

Aos meus amigos que me acompanham e apoiam sempre me fazendo acreditar em minha capacidade, mesmo quando eu não acredito em mim mesma. Em especial ao Ítalo, David, Daniel, Deborah e Lorena, pelas dicas e pelos momentos de descontração nas horas de incerteza e estresse para que eu me sentisse melhor.

À minhas amigas e amigos da graduação, parceiras desde o meu ingresso na Universidade em diversas disciplinas que cursei. Em especial a Fernanda, Jucielly, Larissa e Thays pelos momentos juntas, obrigada pelo apoio e amizade que temos até hoje.

Aos meus colegas de trabalho que me aturaram nas infinitas conversas em que eu relatava a realização desse trabalho. Estiveram ao meu lado e aguentaram com paciência todos os momentos de estresse e ansiedade. Aos meus superiores que compreenderam a minha ausência em alguns momentos no local de trabalho e pela compreensão e apoio que me proporcionaram.

Aos professores de graduação, que colaboraram na construção da pedagoga que me tornarei a partir de agora. Cada disciplina contribuiu para que eu pudesse conceber esse trabalho.

À professora Marly, que aceitou me acompanhar no final desta trajetória, tendo sempre cuidado e delicadeza ao orientar cada parte deste trabalho. Em vários momentos me confortou acreditando que tudo daria certo.

À escola onde realizei minha pesquisa, obrigada por abrir suas portas e permitir que a monografia não ficasse apenas no campo teórico, possibilitando que a teoria fosse vivenciada na prática.

À Faculdade de Educação, por sua existência como instituição pública que me proporcionou e oferece aos que desejam tornar-se educadores, a oportunidade de cursar Pedagogia.

Quem não se vê não se reconhece.

Quem não se reconhece não se identifica.

Quem não se identifica, não se ama, tem  
baixa autoestima e se desinteressa por tudo  
o que representa a educação formal.

(FAUSTINO, 2007)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a importância da literatura no desenvolvimento da construção de identidade étnico-racial da criança negra, observando a prática atual de leitura de histórias, com foco étnico-racial, em uma escola pública do Distrito Federal. Apresenta-se um breve histórico sobre a literatura voltada para crianças, discutindo a contribuição da cultura negra na educação das crianças. Tem-se como base leituras que articulam o tema na educação, e os documentos oficiais que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História e Culturas Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas de Educação Básica. Busca-se destacar o papel da escola no combate ao racismo e na promoção da igualdade racial, em todas as etapas de ensino. A metodologia constou de análise de artigos de pesquisadores juntamente com a observação e entrevista com professoras na escola. Visando investigar sobre as contribuições da literatura infantil de temática afro-brasileira na construção de identidade das crianças negras. Para isso, tentou-se constatar se atividades pedagógicas propostas pelas professoras da Educação Infantil de uma escola pública do Distrito Federal, contribuem para um pensar interrogativo, reflexivo e investigativo das crianças, desconstruindo preconceitos. Defende-se que para desmontar mentalidades fundadas em preconceitos, estereótipos, discriminações e outras formas ideológicas de diferenciação desqualificadora, é preciso investir numa formação crítica e emancipadora. O esforço de reflexão crítica nesse trabalho, deixa entrever, conforme exposição no tópico v, que no cotidiano da escola o currículo declarado no Projeto Político Pedagógico não está consolidado nas práticas pedagógicas. Os textos literários são insuficientemente explorados, pois na escola não é realizado nenhum projeto de leitura com as crianças da educação infantil.

**Palavras-chave:** literatura infantil; relações étnico-raciais; construção de identidade; educação infantil.



## ABSTRACT

This study has the objective to understand the importance of the literature on development of ethnic-racial construction in black child, observing the actual practice of story reading, with ethnic-racial focusing, in a public school of Distrito Federal. We present a brief history about the children literature, debating the contribution of black culture on children education. It's based on readings that articulate the theme in education, and the official documents that establish the obligatory teaching of History and Afro-Brazilian and African Cultures in public and private schools of Basic Education. The goal is to highlight the school role in combating racism and promoting racial equality, in all stages of teaching. The methodology consisted of analysis of articles by researchers together with observation and teacher interview in the school. Aiming to investigate the contributions of children literature on Afro-Brazilian themes on identity construction of black children. For this, we tried to verify if pedagogical activities proposed by kindergarten teachers contribute to a critical, reflective and investigative children thinking, deconstructing prejudice. It is argued that to dismantle mentalities based on prejudice, stereotypes, discrimination and other ideological forms of disqualifying differentiation, it's necessary to invest in a critical and emancipatory formation. The critical thought effort in this study shows, as explained in topic V, that in the school routine, the curriculum declared in the Political Pedagogical Project isn't consolidated in pedagogical practices. The literary texts are insufficiently explored, because isn't realized any reading project with child education children in school.

**Keywords:** childhood literature; ethnic-racial relationships; identity construction; child education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CNE	Conselho Nacional de Educação
CRE	Coordenação Regional de Ensino
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
DF	Distrito Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
UnB	Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

I – INTRODUÇÃO.....	12
1. Memorial sem fronteiras, envolvimento escolar e vivências que permanecem .....	12
2. A literatura na escola, personagens que representam e possibilitam interações .....	17
II. PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA PARA CRIANÇAS E CONSTRUÇÕES DE INFÂNCIAS.....	19
1- Destaques históricos e conceituais da literatura infanto-juvenil.....	19
2- Movimento de mudanças no panorama brasileiro.....	22
3- Construção identitária: literatura como prática social de construção e reconstrução .....	26
III – RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO .....	31
1- Cultura negra na escola.....	31
2- A Lei 10639 - Escolas, políticas e práticas docentes.....	34
2.1 A importância da literatura infantil de temática afro-brasileira .....	39
IV. RETORNO À ESCOLA E DIÁLOGO COM PROFESSORES E ESTUDANTES.....	42
1. Os caminhos da metodologia .....	42
2. Contextualização do campo de observação.....	44
3. Projeto Político Pedagógico da escola .....	46
V. ANÁLISES, PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS E CONSIDERAÇÕES.....	49
1- Atividades curriculares na educação infantil: o declarado e o praticado .....	50
2- Imagens do cotidiano da sala de aula .....	53
2.1- Diálogo com professoras.....	60
3- Análise da observação e respostas das entrevistas com as professoras. ....	64
Considerações .....	66
Perspectivas profissionais .....	69
Referências.....	70
Apêndice.....	75

## **I – INTRODUÇÃO**

### **1. MEMORIAL SEM FRONTEIRAS, ENVOLVIMENTO ESCOLAR E VIVÊNCIAS QUE PERMANECEM**

Nasci em 1993 na Região Administrativa Plano Piloto, filha de ex-trabalhadores de serviços gerais, sempre estudei em escolas públicas com exceção do jardim III, mas restante do meu ensino básico concluí na rede pública de ensino do Distrito Federal. Iniciei o meu primeiro contato com a escola aos 3 anos de idade em uma escolinha particular perto de onde moro, em Santa Maria, o nome da escolinha era Criança Esperança. O sonho da minha mãe sempre foi oferecer – me uma educação de qualidade e de preferência em escolas particulares, e esse foi o único ano que foi possível realizar o sonho dela, pois no final desse ano ela veio a falecer.

A iniciação do processo de escolarização que eu tive na pré-escola foi muito bom, apesar de não ter concluído. Em minha sala havia poucos alunos e diante disso presumo que a professora tinha mais facilidade de ensinar e identificar as dificuldades de cada um, sendo assim, essa situação contribuía para a minha educação de qualidade. Minhas experiências com a literatura nessa escola foram as melhores, a professora nos estimulava a ler, e esse trabalho era realizado juntamente com o processo de alfabetização. No ano de 1996, meu pai me retirou da escolinha e fomos passar um tempo em sua cidade natal Teresina-PI, meus irmãos permaneceram no DF, pois meu pai não tinha condições de levá-los. Retornamos para o Distrito Federal somente em 1997.

No ano de 1998, ingressei na primeira série da Escola CAIC de Santa Maria, cheguei a cursá-la por um curto tempo, pois descobrimos que eu estava com problemas de saúde e tive que abandonar novamente a minha vida acadêmica, pois teria que cuidar da minha saúde. Em 2000, ingressei novamente na primeira série na Escola Classe 218 de Santa Maria, onde conclui as séries iniciais do Ensino Fundamental. Até a terceira série eu adorava ler, inclusive minha professora preferida me presenteou com livro, que guardo até hoje, o nome do livro era “O mundo maravilhoso da bíblia para crianças” de Charlotte F. Lessa. Naquele mesmo dia cheguei em minha casa ansiosa para lê-lo e fui me aventurando naquelas histórias e ilustrações tão bonitas. Este foi um dos primeiros livros que pude ler com

independência, pois na pré-escola as histórias eram todas contadas pelas professoras e nas séries anteriores não tinha tido um contato íntimo com livros.

A partir daquele momento comecei a me apaixonar por livros, minha paixão pela literatura foi aumentando a cada dia e muitas vezes preferia ler meus livros a ter que sair para brincar com meus amigos. Outro livro que também me apaixonei na minha infância é o livro “Volta ao mundo em 52 histórias”, publicado por Dorling Kindersley Limited, este livro apresenta 52 histórias, procedentes de 33 países, oferecendo uma visão abrangente dos temas mais populares nos cinco continentes. As histórias que mais gosto desse livro são “As três laranjas mágicas”, estória originada da Costa Rica e conta sobre um príncipe que está louco para se casar, porém não consegue achar uma pretendente. Em resumo, o príncipe se casa com uma das moças que ficou presa na laranja pelo feitiço de uma bruxa e foi feliz para sempre.

Em 2005, ingressei na quinta série da Escola Classe 418, a escola foi inaugurada naquele ano e a estrutura e os professores daquela escola eram excelentes. Todavia, foi aí que meu mundo começou a desabar! Os textos eram grandes e chatos, e o pior estava por vir, que era copiar os textos enormes do livro, era frustrante e alguns professores passavam as tarefas bem perto da hora de sermos liberados para irmos para casa, ou seja, quem não terminasse de copiar o texto não ia sair dali tão cedo, aquilo era uma maldade conosco, e é uma das coisas que jamais vou esquecer.

Em 2006, houve um remanejamento dos alunos que estudavam na Escola Classe 418 de Santa Maria para a Escola Classe 416, pois na Escola Classe 418 só seriam matriculados alunos de primeira à quarta série. E foi na Escola Classe 416 que as coisas ficaram difíceis, não me recordo de ter lido nenhum livro, porém das aulas maçantes de português lembro-me muito bem. Tudo isso ocorreu até o segundo ano do ensino médio. Mas a partir dessa série fui apresentada a algumas obras de literatura, as propostas de leitura seriam os livros “Dom Casmurro”, “Iracema”, “O cortiço”, dentre outras obras de que não me recordo no momento, eu e a grande maioria dos meus colegas de sala não gostávamos nem um pouco dessas obras, devido os livros serem muito grandes, e optamos por não ler, a não ser quando tínhamos que elaborar alguma peça teatral ou quando tínhamos provas e atividades

relacionadas as obras, nesses casos não tínhamos outra saída a não ser ler os resumos disponíveis na internet.

No começo do segundo ano do ensino médio quando a turma foi apresentada a essas obras que apresentei no parágrafo acima, fiquei até muito animada em ler, a professora de português sugeriu que lêssemos as obras, ela falava que aquelas obras eram maravilhosas e nós não podíamos deixar de ler já que seria um conteúdo cobrado pelo PAS (Programa de Avaliação Seriada) e Vestibular, que na época eu ainda não sabia direito do que se tratava.

Conclui o ensino médio no Centro de Ensino Médio 417 de Santa Maria em 2011, neste Centro conheci pessoas especiais que me impulsionaram a me dedicar cada vez mais aos meus estudos. Naquele ano teria que escolher qual profissão seguir, mas estava perdida, pois no decorrer da minha vida acadêmica não tive nenhuma orientação profissional/vocacional. Quando chegou a hora de prestar o vestibular eliminei os cursos que não me interessavam, e selecionei o curso de Pedagogia. O que me inspirou a esta escolha foram os professores que sempre admirei no ensino fundamental, uma profissão muito bonita e que exige dedicação, mas principalmente muito amor por ela.

Em 2012, passei no Vestibular da Universidade de Brasília, para o curso de Pedagogia noturno, com 18 anos. Ingressei no curso com a visão de que o pedagogo somente dava aula para crianças, e a cada semestre me surpreendi ao conhecer o campo de atuação deste profissional. Acredito que não era a única a crer nisso, assim como até hoje muitas pessoas me abordam dizendo que pedagogo só trabalha com crianças.

O primeiro e grande desafio que enfrentei nessa fase acadêmica foi com relação ao tempo. Naquele momento da minha vida, tempo significava um trabalho de oito horas por dia, cuidar do meu pai que estava internado, exercer a função de dona de casa e ainda estudar. Logo comecei a sentir na pele o sentido da clandestinidade: roubar horas no trabalho, passar as tardes de domingo em lan houses, estudar até altas horas da madrugada. Os fóruns virtuais me permitiram construir autonomia, pois era uma forma diferente de aprender. Hoje, percebo que aprendi bem mais interagindo com minhas colegas do que lendo os textos propostos. Essa forma compartilhada de construir conhecimento ultrapassava os limites geográficos, de tempo e de papéis dos

sujeitos envolvidos. No decorrer do curso passei por muitos problemas. Em 2013, meu pai ficou doente e veio a falecer. Pensei em desistir e trancar a faculdade, pois eram muitos os problemas que precisava resolver, porém me mantive firme e consegui concluir aquele semestre que foi tão suado.

No quinto semestre, fiz a disciplina Escolarização de Surdos e Libras (Língua Brasileira de Sinais) com a professora Liège G. Kuchenbecker que trabalha uma abordagem específica sobre a Educação de Surdos. Nesta disciplina tive um contato aprofundado com a temática de surdez. Na disciplina Escolarização de Surdos, assisti palestras sobre o assunto, ministradas por surdos e pesquisadores da área; também tive oportunidade de assistir documentários e fazer a leitura de textos sobre o assunto, com essas vivências adquiri um conhecimento básico sobre a área.

Como parte da grade curricular do curso de pedagogia comecei a fazer o Projeto 3, com a temática “Educação e Economia Solidária” com professora Sônia Marise Salles Carvalho, no qual abordava o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizado por meio da autogestão. Foi a primeira vez que trabalhei com a comunidade, realizei esse projeto na Associação Atlética de Santa Maria, onde todos tinham suas responsabilidades e deveres dentro da associação. Aos finais de semana haviam reuniões com a comunidade para planejar um novo empreendimento e todos ali tinham objetivos comuns que era gerar sua própria renda. A experiência foi gratificante porque nós paramos de olhar somente para nós mesmos e para os nossos interesses e passamos a ver o outro, e ver a necessidade das outras pessoas e poder oferecer a nossa “mão” para ajudar.

No projeto 4 fase 1, que é o projeto de prática docente individual. Realizei na Escola Bilíngue de Libras e Português Escrito de Taguatinga, orientado pela professora Liège Gemelli Kuchenbecker. O projeto tinha o interesse de mostrar a realidade do estudante surdo do EJA, no qual foram observados: o desenvolvimento dos alunos e os métodos de ensino utilizados pela escola. Neste período, passei por uma jornada tripla, trabalhava durante o dia e durante o período noturno estagiava nessa escola. Foi um período muito cansativo, porém muito enriquecedor, pois nunca tinha tido contato com pessoas surdas. Quanto ao projeto 4 fase 2, tendo em vista a minha dupla jornada, optei por me matricular no programa de extensão Formação Integrada Emancipadora de Acesso à Educação Superior (Formancipa), coordenado

pelo professor Erlando da Silva Rêses, o qual me convidou para integrar a equipe pedagógica do programa que estava sendo formada na época.

O Formancipa é um programa de extensão da UnB, que se desenvolve nas cidades do Pedregal e Valparaíso de Goiás. O programa tem como objetivo oferecer uma educação integrada e emancipadora para estudantes e egressos do ensino médio que tenham desejo de ingressar ao ensino superior. Nesse programa, ocorrem encontros/aulas aos sábados ministrados por estudantes de diversos cursos de graduação da UnB, que buscam quebrar com o ensino tradicional, levando sempre um tema que será discutido pelas diversas áreas do conhecimento, não se restringindo a disciplinas. Todos os monitores do Formancipa têm liberdade para planejar suas aulas e fazer diferente do ensino tradicional, no qual os professores se preocupam apenas com a transmissão de conteúdo, sem fazer uso de diversos recursos didáticos e sem considerar a necessidade de aprendizagem do aluno. Há sempre espaço para que todos exponham suas ideias e, através de decisões coletivas, estamos sempre passando por modificações em busca de melhorias.

Nesta trajetória acadêmica também fui extensionista do projeto “Livros Abertos: aqui todos contam!”, que tem por objetivo compartilhar histórias e encantamento com crianças e jovens por meio de rodas de leitura dialógica. Criam-se espaços lúdicos de diálogos com a literatura infanto-juvenil, buscando-se um ambiente em que experiência leitora seja transformadora para todos os participantes. Os mediadores de leitura são estudantes de todos os cursos da UnB, profissionais da educação e membros da comunidade.

Em toda a minha trajetória acadêmica na escola, seja na educação infantil ou séries iniciais do ensino fundamental, não tive a oportunidade de ter contato com livros de Literatura afro-brasileira. Não vi nenhum personagem, no qual eu me visse representada, porém me inspirava nas princesas européias, e essa realidade ainda é vivida por muitas crianças, mesmo que atualmente a literatura afro-brasileira tenha conquistado espaço. É notório que raramente a literatura infantil é utilizada a não ser em momentos de conflitos, conforme a fala de uma professora com quem dialoguei.

Quando criança nunca percebi nenhum tipo de preconceito ou racismo na escola, seja pela cor da minha pele ou a textura e forma dos meus cabelos. Porém presenciei esses tipos de situações com colegas que tive no decorrer da minha vida



acadêmica, alguns colegas eram hostilizados pela sua cor e principalmente por sua condição social. Alguns colegas brancos apelidavam os que eram negros com variados nomes que não gosto nem de mencionar. As garotas negras eram vistas somente como objetos sexuais, inclusive alguns colegas brancos inventavam muitas histórias obscenas com elas e espalhavam boatos pela escola. Isso me incomodava muito, pois todos achavam esse comportamento normal, e que tudo não passava de brincadeira inocente.

Talvez eu não tenha sofrido algum tipo de racismo ou preconceito mais explícito por ter uma pele mais clara que os meus amigos de pele escura, e até hoje essa separação entre negros claros e negros escuros existe. Obviamente quem sofre mais com a discriminação são as crianças negras de pele mais escura, e as demais são vistas pelas crianças brancas e pela sociedade como crianças mulatas ou pardas. Esta constatação me é possível fazer hoje, à luz de um processo crítico de reflexão sobre a experiência vivida.

Analisando meu percurso universitário sei que valeu a pena ter ficado em casa estudando, abandonar final de semana e feriados livres que podiam ser de diversão, em favor dos estudos. Sei que como profissional tenho um longo caminho para me aperfeiçoar, pois esse é o início de outra caminhada. Espero em Deus concluir com sucesso este curso, e que com a conquista do diploma eu tenha um futuro profissional brilhante, pois acredito na Educação como transformadora de realidades. Quero viver essa transformação continuamente e contribuir para que outras crianças e jovens também possam vivê-la.

## **2. A LITERATURA NA ESCOLA, PERSONAGENS QUE REPRESENTAM E POSSIBILITAM INTERAÇÕES**

O intuito deste trabalho é compreender a importância da literatura no desenvolvimento da construção de identidade étnico-racial da criança, por meio da tradição oral africana e o papel da linguagem iconográfica no tocante ao processo de interação da criança com a literatura e com o sentimento de pertencimento desta em relação ao seu grupo étnico-racial. Fazendo uma discussão acerca dos caminhos trilhados pela escola nesse processo de construção identitária da criança, visto que

anteriormente a abordagem do tema era inexistente principalmente na educação formal.

A literatura é uma ótima ferramenta de trabalho no processo de aprendizagem, pois desperta nas crianças os sentidos para compreender o mundo e seus valores. Por isso, é importante estimular a leitura, dado que através da conduta dos personagens literários é possível desenvolver os valores morais necessários na formação do indivíduo, e estimular na criança o exercício da reflexão e do questionamento. Por meio da leitura entendida como interpretação. Qual seria o potencial pedagógico do texto literário ou de ficção para o ensino dos conteúdos mencionados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 para educar combatendo o racismo e promovendo a igualdade racial no Brasil?

Para detalhar essa questão, as seguintes questões norteadoras servem de apoio: Qual a importância da literatura para a construção de identidade étnico-racial da criança? Por que houve o aumento na abordagem das questões raciais na literatura? Quais foram/são os impactos que essa abordagem vem gerando na escola?

Para obter os resultados dessa pesquisa, foram traçados os seguintes objetivos:

#### Objetivo geral

Investigar as contribuições da literatura no desenvolvimento da construção identitária das crianças negras na educação infantil.

#### Objetivos Específicos

- a) Compreender como é a prática de leitura de histórias com foco étnico-racial na escola;
- b) Investigar quais procedimentos o/a professor (a) cria e desenvolve para um pensar mais interrogativo, reflexivo e investigativo das crianças, a partir da literatura infantil;
- c) Observar como o uso da literatura contribui para o processo de formação identitária da criança nas atividades desenvolvidas na sala de aula.

## **II. PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA PARA CRIANÇAS E CONSTRUÇÕES DE INFÂNCIAS**

### **1- DESTAQUES HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL**

Segundo Zilberman (2003), a partir do século XVIII, surgiram os primeiros livros com abordagens específicas para crianças. Porém, anteriormente elas eram vistas como “pequenos adultos” e suas especificidades desconsideradas. Subentende-se que é a partir deste século que as crianças começam a ser notadas como seres distintos do adulto, com necessidades e características únicas de suas vivências. Diante disso as crianças deixaram de ser comparadas aos adultos e passaram a receber uma educação específica, que a preparasse para a vida adulta.

Esse século foi marcado pelo início da Revolução Industrial, promovendo mudanças significativa na economia e nos sistemas de produção. Junto a essa revolução, vieram também outras modificações, pois parte da população rural deslocou-se para as grandes cidades à procura de emprego. Antes da Revolução Industrial, as famílias viviam em zonas rurais, e desde cedo as crianças começavam a trabalhar, ajudando seus pais nas lavouras. No entanto, o trabalho não era tão intenso e as crianças ainda tinham tempo para viver a sua infância marcada pelos espaços lúdicos tradicionais.

A migração das famílias para as cidades transformou completamente não só a vida dos adultos como também das crianças. Elas passaram a trabalhar desde pequenas nas fábricas em tempo integral, perdendo a sua infância devido as relações de trabalho que foram impostas à época. No começo, somente crianças que fossem abandonadas em orfanatos trabalhavam nas fábricas, porém, com o passar do tempo, as crianças mais pobres começaram a ser exploradas nas indústrias, vindo a trabalhar exaustivamente por horas, perdendo, assim, a sua anterior condição própria do trabalho informal.

Além da longa jornada de trabalho, as crianças também eram agredidas no local de trabalho por falta de atenção, diminuição do ritmo de produção, por atrasos e por conversarem durante o trabalho. Dessa forma, a migração do campo para as cidades trouxera grandes dificuldades para as crianças durante a Revolução

Industrial, visto que favoreceu a exploração não só de adultos, como também dos pequenos.

A literatura abriu espaço para o leitor infantil por intermédio dos contos de fadas e folclóricos. Esse gênero literário foi inaugurado primeiramente por Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, Lewis Carrol, dentre outros. Esses autores reproduziam contos populares, dando a sua obra valores comportamentais da classe burguesa. Suas histórias eram relatos de cargas existenciais, sempre evidenciando a distinção entre os nobres e poderosos, os humildes e arrogantes, os fortes e os fracos.

Ainda no século XVIII, surge a ascensão da família burguesa e o conceito de “infância”, a criança e suas especificidades são levadas em consideração e o contexto familiar ganha um novo modo de ser e pensar as relações entre seus membros. Surgem também interesses da lógica capitalista demonstrando que há um novo consumidor no mercado sendo necessário suprir as suas necessidades.

Em meio a essas mudanças, a estrutura escolar também passa por modificações. A literatura infantil surge como material de auxílio pedagógico para contribuir na educação das crianças. Seus textos foram escritos inicialmente por professores e pedagogos, no entanto, sem preocupação com a educação infantil, visto que ainda haviam vestígios da ideia de que a criança era um pequeno adulto. Zilberman (2003) entende que a ideologia burguesa estava voltada à expansão da indústria, mediante isso, foram impostas novas alterações no ensino escolar, para cumprir as expectativas burguesas com novos meios de produção. Ao nascer, a criança já tinha a própria história “pré-escrita” pela família, e para isso, deveria passar pelos moldes que eram impostos e que a tornariam um adulto idealizado no seu modo de ser, pensar e agir. Sendo assim, a literatura infantil foi inventada e a escola reformada para cumprir essa missão.

Conforme Zilberman:

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura Infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas a cumprir essa missão. (ZILBERMAN, 2003, p.15).

Na medida do avanço do processo de modernização das formas e relações da produção econômica e relações socioculturais, transforma-se o panorama histórico

da infância e o lugar da criança na sociedade. A valorização da infância concebeu a união familiar com o intuito de garantir a permanência dos bens da família e vindo a ser passados de geração em geração. Com isso a escola oportunizou sua reforma por meio de recursos de leitura, em especial através da literatura infantil, no intuito de manter os ideais da classe burguesa e de garantir o controle do desenvolvimento intelectual da criança.

Nesse sentido, a infância veio a ser imaginada pela sociedade por meio de estudos pedagógicos escritos para certificar suas particularidades, colocando-as sempre em evidência. Em decorrência disto, houve um declínio no setor de produção, pois não sendo mais obrigada a trabalhar a criança não traria lucro e muito menos dinheiro para o sustento de seu lar. Exerceria assim, uma atividade inútil do ponto de vista econômico, pois agora seria somente um consumidor. Essa contrariedade econômica se dá pela alegação de que a criança é um ser frágil e dependente dos adultos.

Conforme Zilberman (2003), devido a necessidade de educar as crianças dentro de valores e princípios da época, a literatura nasceu ao redor de preconceitos e distinta de sua verdadeira função. Função essa que é a de proporcionar o conhecimento por meio da fantasia do autor e navegar no seu próprio mundo único e imaginário, através da narrativa criada nos textos literários. Entretanto, durante muito tempo, as obras voltadas para o público infantil foram vistas somente com a finalidade de ensinar princípios morais e valores culturais em geral.

Articulada aos interesses econômicos, a indústria gráfica ligada à escola desenvolve-se pautada nos modos de produção vigentes, a fim de obter lucro através dos textos literários, isto em diferentes épocas. Constatou-se que a produção literária voltada para as crianças converteu-se em um dos segmentos economicamente mais relevantes da indústria editorial, tendo seu ápice nas últimas décadas.

## **2- MOVIMENTO DE MUDANÇAS NO PANORAMA BRASILEIRO**

Em meio a esse processo, o Estado também voltou seus interesses para a alfabetização das crianças a fim de obter lucro através da mão de obra barata, pois as escolas preparavam suas crianças para assumirem em futuro próximo, os novos postos do setor de produção. Ainda na primeira metade do século XX, no Brasil, em meados do ano de 1932, surgiu um movimento na educação, cujo marco principal foi o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, também conhecido como Educação Nova. Redigido por Fernando de Azevedo, o texto foi publicado e assinado por 26 intelectuais, entre os quais, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Roquette Pinto, Afrânio Peixoto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles, entre outros. O movimento propunha uma escola única, integral e distinta da escola tradicional, por meio de uma política educacional inovadora no intuito de universalizar o ensino e ampliar o acesso de todos à escola. É importante comentar que foi a partir desse documento que a escola foi reconstruída e passou a atender aos desafios da sociedade, levando em consideração os processos sociais. Suas exigências e ideais propuseram uma educação pública, laica, obrigatória e democrática, ou seja, para todos sem restrições.

A literatura infantil surge no Brasil, nas últimas décadas do século XIX, trazendo as traduções dos contos e folclore europeu. No entanto, a circulação dessas obras fora insuficiente, tendo em vista o contexto de vida das crianças brasileiras naquela época. Dessa maneira, no início do século XX, surgem um dos maiores autores de literatura infanto-juvenil da história brasileira, Monteiro Lobato. Suas histórias possuem um modelo de escrita com linguagem simples na qual realidade e fantasia estão sempre entrelaçadas.

Segundo Siqueira (2008), Monteiro Lobato descreveu em suas obras o Brasil de sua época, o sistema social vigente, a organização política e suas funções, os valores e comportamentos, rompendo com a literatura ideológica implantada pela burguesia, até então utilizada em sua minoria, pelas crianças nas escolas, visto que a maioria estava privada do acesso aos livros. Monteiro Lobato foi um escritor a frente de seu tempo e suas obras literárias refletiam isso, mostrando por meio delas que o livro era uma ferramenta eficaz de desconstruir a percepção do leitor iniciante,

deixando sempre um espaço de diálogo entre suas obras e o leitor, e estimulando o pensamento e a consciência crítica no desenvolvimento intelectual das crianças.

Contra os padrões iniciais da literatura infantil voltada aos preceitos sociais da burguesia medieval, Monteiro Lobato rompe com os estereótipos burgueses, com padrões prefixados do gênero, e cria um mundo para as crianças que não se constitui no reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e preconceitos da situação histórica em que a literatura era produzida. Monteiro Lobato é um visionário que acreditou no livro como meio eficaz de modificar a percepção do leitor iniciante. Ele possibilitou à criança as possibilidades para imaginar, criar e recriar, sem o medo da opressão. (SIQUEIRA, 2008, p.66-67)

Entretanto, com o desenvolvimento do cenário político e econômico brasileiro do final do século XX e décadas atuais, mediante intensos movimentos sociais pela redemocratização do país, a escola recebe novas demandas sociais. Dentre elas, destacam-se as políticas afirmativas voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira. Do início de 1960 até o final de 1980, as literaturas Lobatianas eram predominantes nas leituras escolares. Porém, em 2010, o livro “Caçadas de Pedrinho” (1933) foi denunciado pelo Técnico em Gestão Educacional da Secretaria do Estado da Educação do Distrito Federal, Antônio Gomes da Costa Neto como uma obra racista. Diante dessa denúncia, o Conselho Nacional de Educação (CNE) vetou a distribuição da obra nas escolas públicas brasileiras. Contudo, foi publicado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2011, pressupondo que a leitura da obra entre alunos e professores deve e deverá ser feita aliada a uma política antirracista dentro do sistema de ensino público. Política essa que é orientada pelo próprio MEC/CNE em resoluções, pareceres e diretrizes curriculares nacionais específicas para esse tema.<sup>1</sup>

Sendo assim, foi determinado que qualquer livro que apresente conteúdo preconceituoso ou racista, deve ser impresso com uma nota técnica com a finalidade de orientar o professor a ensinar em sala de aula sobre a contextualização do momento histórico em que o texto foi produzido. No entanto, esse parecer coloca sobre o professor toda a responsabilidade quanto ao conteúdo que será apresentado na sala de aula. Acreditamos que para abordar essas questões é necessário que o professor tenha a compreensão dos processos históricos que geram o racismo e o

---

<sup>1</sup> O tema do marco regulatório e orientações da política de educação das relações étnico raciais será retomado no capítulo III deste trabalho.

preconceito no Brasil, conforme defendido pelo requerente Antônio Gomes Costa Neto:

Sendo assim, é necessária a indução dessa política pública, pelo Governo do Distrito Federal, junto às instituições de ensino superior, com vistas a formarem professores que sejam capazes de lidar com esse tipo de situação no cotidiano escolar. A obra CAÇADAS DE PEDRINHO só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil. Isso não quer dizer que o fascínio de ouvir e contar histórias devam ser esquecidos; deve, na verdade, ser estimulado, mas há que se pensar em histórias que valorizem os diversos segmentos populacionais que formam a sociedade brasileira, dentre eles, o negro. (PARECER CNE/CEB Nº: 15/2010)

Por outro lado, fundamentando a crítica do currículo escolar e dos materiais de ensino, a discussão sobre as representações sociais nos livros, audiovisuais, e outros dispositivos de formação, é central nessa análise dos textos acessíveis às crianças. A partir do início dos anos 70, desencadeia-se o chamado “boom” da literatura infantil brasileira. A produção da literatura infanto-juvenil estava a “todo vapor” devido ao fortalecimento do setor editorial, à ampliação do acesso às escolas em razão de programas governamentais de incentivo à leitura.

No início dos anos 80, a literatura infantil passa a ser considerada por muitos como ponto de partida de narrativas que trazem o desenvolvimento emocional do leitor mirim, abordando temas como a puberdade e suas transformações na adolescência, o sentimento de perda por meio da morte, a separação dos pais, e a preocupação com questões ecológicas do mundo de hoje.

Surgiram ainda, temas abordando as diferenças de gênero, raça/etnia, necessidades especiais e outros. Esses temas começaram a fazer parte dessa literatura devido ao contexto daquele período, a procura de preparar as crianças para esses acontecimentos e diferentes relações sociais em sua trajetória. Anteriormente, a temática das diferenças humanas não era abordada na literatura infantil, por ser considerada irrelevante ao interesse dos mais jovens, cuja formação ainda hoje é marcada pela imposição das culturas hegemônicas.

A literatura infantil é movida pelas emoções e anseios do adulto e às vezes do jovem escritor, interpretando concepções e ideias em disputa e ascensão, atingindo o imaginário da criança. Estabelece-se, assim, a possibilidade de reprodução dos interesses da realidade vivenciada pela sociedade. Por meio de uma literatura crítica, as crianças desenvolvem o seu imaginário através de suas fantasias



e com base em suas experiências vividas, se tornam protagonistas e compreendem melhor suas realidades. Conforme Silva (2012):

A literatura infantil não está desvinculada dessas representações sociais. Traz em forma de imagem e texto um mundo a ser seguido. Por mais que nos dias de hoje os autores consigam fazer literatura de qualidade, sendo as crianças protagonistas em seus anseios e com enredos pensados para a infância, tais obras não são inocentes. Movidas pela produção do prazer e pelas emoções, trazem doutrinas, modos de vida escritos da maneira mais atraente possível, conseguindo atingir o imaginário das crianças e estabelecendo possibilidade de reprodução desses parâmetros na realidade vivida. (SILVA, 2012 p. 90).

A literatura para crianças é uma possibilidade de suporte para auxiliar essa proximidade da criança com a realidade, e isso acontece de forma particular, pois ao contrário dos ensinamentos escolares, ela lida com dois elementos adequados para a compreensão do real. Conforme Zilberman (2003):

[...] devido não só à sua circunstancia social, mas também por razões existenciais – se vê privada ainda de um meio interior para a experimentação do mundo, ela necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar. É esse lugar que a literatura infantil preenche de modo particular, porque, ao contrário da pedagogia ou dos ensinamentos escolares, ela lida com dois elementos adequados para a compreensão do real: uma história, que apresenta, de maneira sistemática, as relações presentes na realidade, que a criança não pode perceber por conta própria e a linguagem, que é mediador entre a criança e o mundo, de modo que, propiciado pela leitura, um alargamento do domínio linguístico [...] (ZILBERMAN, 2003 p. 45)

Em direção semelhante, para Vygotsky (1987), nas práticas sociais das crianças espontâneas ou ensinadas, elas não só se apropriam como reproduzem ou recriam os significados transmitidos pelos mediadores de seu acesso às culturas vigentes em seu universo cultural. As obras literárias muitas vezes partem de uma suposta inocência das crianças no intuito de manipulação de valores moralizantes, não ocultando os interesses pedagógicos, revelando-se um manual de instruções a ser seguido. O adulto acaba por interferir no desenvolvimento afetivo e intelectual infantil, transferindo o que ele gostaria de ser, e o que a sociedade espera dele, desconsiderando a criança como sujeito produtor de cultura.

Como leitora, a criança não é nem inocente nem neutra. Precisamos considerá-la como protagonista, capaz de interpretar e formular, mesmo que de forma incipiente e muito simples, a sua apreciação. Destacado por Freire (1988) em sua obra intitulada “A importância do ato de ler”. As crianças procuram criar sentidos para o mundo que as rodeia. Antes da palavra, leem o mundo através de gestos e olhares

entre outras expressões. É no contato com o outro e com o mundo, que a criança constrói símbolos e significados. Assim, antes de ler a palavra, a criança já vivenciou diversas leituras do mundo, e aos adultos compete ajudá-la a fazer essa conexão. Tanto Freire quanto Vygotsky, destacam que há um relevante papel a ser realizado pela escola e pelos professores, no sentido de ensinar a ler nas entrelinhas das narrativas e desvelar sentidos.

### **3- CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: LITERATURA COMO PRÁTICA SOCIAL DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO**

A criança antes de entrar no espaço escolar acumula experiências aprendidas com seus familiares e nas relações com outras crianças próximas mais intensamente. Contudo, é na escola que ela passa a conviver e a obter novas experiências com outras crianças e adultos. Por meio dessas novas interações compartilha novos costumes, culturas e situações até então nunca vividas em seu núcleo familiar. Seus primeiros contatos com o mundo da ficção e da poesia são pela via da oralidade, ou veiculados pela mídia eletrônica em audiovisual. Mas, é através da escola que as crianças passam a ter maior contato com a literatura voltada para elas.

Seria praticamente impossível imaginar uma criança que não se sentisse protagonista de sua história favorita, tanto nos momentos em que ela folheia seu livro, como naquela fantasia de uma história em que ela ouve e se imagina vivendo cada momento. A construção de identidade da criança é permeada pelos referenciais de seu contexto. A literatura é um dos pontos de partida, pois através das histórias a criança transfere para a realidade suas histórias por meio de brincadeiras. Nessa atividade, muitas vezes reconstrói um novo conto com novos personagens e com finais inimagináveis, exercitando a imaginação e a simbolização.

Segundo Mariosa e Reis (2011), anteriormente a literatura infantil era povoada por personagens como princesas, príncipes, mocinhas inocentes e frágeis a espera de seus heróis. Nesse universo, o que mais chama a atenção é que todos esses personagens eram de origem europeia, de pele e olhos claros, sempre

evidenciando a superioridade da burguesia branca. Ou em termos atuais, indicam a prevalência das características de uma única classe social.

A construção da identidade da criança é algo que vai passar inevitavelmente pelos referenciais que forem a ela apresentados. Neste aspecto, destacamos principalmente, os brinquedos, os personagens de desenho animado e as histórias infantis. Há duas formas de as crianças entrarem em contato com estas histórias: uma, é através da oralidade e a outra através dos livros. Tanto em uma como em outra a criança vai deparar com os personagens principais, os heróis, as mocinhas, os animaizinhos, os príncipes e as princesas, as fadas, dentre outros. O que encontramos nestas histórias são personagens de origem europeia, mocinhas brancas e frágeis esperando por príncipes, também brancos, que irão salvá-las. (MARIOSA e REIS, 2011 p. 42).

Diante desses personagens que são apresentadas, e em sua maioria brancos, as crianças crescem acreditando que somente esses personagens refletem a beleza que é aceita por todos. A falta de representação de personagens negros na maioria dos livros infantis causa um estranhamento frente ao padrão seguido desde os primórdios europeus. Devido a ausência ou representação negativa desses personagens, as crianças podem ter uma visão distorcida e inferiorizada, resultando na rejeição de tudo aquilo que se assemelha e se aproxima ao universo negro.

Essa situação é mais clara no dia-a-dia escolar, em ocasiões de interação entre as crianças. Como, por exemplo, quando uma criança se recusar a pegar nas mãos de seu colega ou não aceitar dançar na festa junina com seu parceiro por ele ser negro. “Zombar do cabelo de sua colega” por não ser liso, ou seja, sempre demonstrando preferências estéticas entre seus pares durante os momentos de interação.

Segundo Trinidad (2011) “As crianças de pouca idade – como as mencionadas anteriormente – aprendem que são superiores ou inferiores por meio de várias mensagens simbólicas ou, ainda, mensagens ocultas. ” (TRINIDAD, 2011 p. 128). Mediante essa situação, as crianças brancas vão se identificando com os personagens de pele clara, e se julgarão superiores às demais, pois devido a abrangência de personagens dessa etnia, se sentirão em posição privilegiada em relação às demais crianças. Enquanto, as crianças negras nutrirão a imagem de inferioridade por não se encontrarem dentro do padrão de beleza imposto pela sociedade. Crescerão negando sua cor e sua cultura, achando que só serão amadas e aceitas pelos demais se conseguirem se assemelhar aos referenciais de branqueamento imposto pela sociedade como padrão de beleza. À medida que as

discriminações e preconceitos são vividos cotidianamente nas instituições escolares, acabam por comprometer o processo de socialização e interação tanto das crianças negras como das crianças brancas ou não negras. Essas relações, em geral conflituadas, produzem desigualdades e isolamentos que podem prejudicar seus processos de construção de identidade, de socialização e de aprendizagem. Fruto do racismo ainda presente em nossa sociedade, essas vivências inferiorizadoras produziram e produzem personalidades fragmentadas, cujas potencialidades são perdidas ou desperdiçadas socialmente.

Sendo ainda ressaltado por Trinidad (2011), o papel da educação infantil é de suma importância no desenvolvimento humano e social das crianças. Levando-se em consideração os seus contextos, suas culturas e suas histórias, e sempre respeitando as suas particularidades. Cabe à educação infantil contribuir no acesso ao conhecimento de diferentes culturas da sociedade brasileira e promover a valorização de diferentes grupos étnico-raciais.

Todas as crianças têm o direito de conhecer a história de seus antepassados, os locais de onde vieram e como eles contribuíram e contribuem para a construção de seu país. As culturas regionais e as diferentes formas de se viver são importantes para que as crianças se reconheçam como parte de um país diverso em culturas. Por meio de práticas que resultem em um currículo qualificado, a educação infantil pode fazer a diferença na construção de identidades positivas, e certamente contribuirá para que o ciclo perverso existente na realidade de crianças pequenas seja quebrado. (TRINIDAD, 2011 p. 128).

A literatura é de essencial importância no desenvolvimento da criança, pois através da história elas estabelecem vínculos e relações simbólicas que ampliam a percepção, a fim de discutir e formar um pensamento sobre a questão étnico-racial.

A literatura, enquanto arte é um dos caminhos que pode ser percorrido pelo homem na busca de prazer nessas relações. Como sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pode revelar os desejos mais profundos do indivíduo, que por sua vez, se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. Portanto, num movimento também de busca incessante, a literatura-arte, pode abrir múltiplos espaços para novas possibilidades do conhecer. E não se pode tirar da literatura infantil esse papel tão importante na formação do pensamento, pela qual cada adulto já passou ou estará repassando em algum momento da sua vida. (DIONISIO, 2010 p. 11)

Um conto, uma história traz e cria inúmeras possibilidades de aprendizagem, trazendo consigo valores e conceitos, os quais poderão ser objeto de diálogo com as crianças, permitindo a troca de opiniões e o desenvolvimento de sua

capacidade de expressão através da mediação de leitura. As relações que são estabelecidas entre os comportamentos dos personagens da história e os comportamentos das próprias crianças, possibilitam ao professor desenvolver os múltiplos aspectos educativos da literatura infantil.

A construção de identidade do sujeito se dá desde a infância por meio das relações com o meio. E no decorrer de sua história sofre influências de todos os referenciais. Para Erikson (1972), o indivíduo passa por diversas influências, sejam elas positivas ou negativas, e a construção de sua identidade é desenvolvida durante toda a sua vida.

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornam importantes para ele. (Erikson, 1972 p. 21)

Assim sendo, a construção da identidade é particular, desenvolvendo-se por meio da interação entre o sujeito e o meio no qual está inserido. Sempre gerando uma troca mútua de saberes e experiências e ambos se reconstruindo, estando a todo momento sujeita às influências do meio na sua constituição e aos modos como percebe e interpreta ou elabora essas referências externas.

Conforme Mariosa e Reis (2011) “A literatura infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. A literatura serve, muitas vezes, como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real. ” (p. 48). Todavia, acredita-se que a literatura pode sim influenciar no processo de desenvolvimento de identidade da criança, mas não definitivamente, pois o acesso à literatura e a outros conteúdos culturais traz contribuições significativas no desenvolvimento da inteligência cognitiva. Contribui, também, para o aperfeiçoamento da leitura como mediação para a prática do pensamento crítico. A literatura vista como arte, se alia também a outras alternativas. Como, por exemplo, as brincadeiras, as músicas, a outras formas lúdicas que acrescentem conteúdos éticos e estéticos na construção de identidade desse sujeito.

Então, conforme Abramovich (1989), para que o indivíduo possa construir a sua própria identidade, ele precisa recriar a realidade e imaginá-la não só por meio

da literatura, mas com a riqueza de meios do universo cultural. E nisto a leitura de contos infantis tem contribuição fundamental e significativa. As histórias infantis trazem informações importantes para auxiliar a compreensão das dificuldades próprias da infância ou, ainda, possibilitam que as crianças encontrem um caminho para a resolução de seus problemas e construção de seus valores e princípios, na medida em que se identificam com os personagens das histórias que leem.

### III – RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO

#### 1- CULTURA NEGRA NA ESCOLA

Atualmente em nosso país, são numerosos os estudos e pesquisas que afirmam a presença de elementos culturais africanos que foram recriados em nosso contexto cultural, histórico e social. Em diversos estudos que veem sendo realizados no Brasil, constatou-se que uma grande parte de alunos negros possuem dificuldades, ou mesmo total objeção em afirmar sua origem étnica. E um dos principais motivos dessa questão é a falta de referências positivas em narrativas da história da população negra brasileira.

Gomes (2003), em seu artigo “Cultura negra e educação” destaca que atualmente no Brasil a cultura vem sendo foco de pesquisas, principalmente no campo da educação. Entre o meio pedagógico esta questão vem sendo amplamente discutida em diversos âmbitos como: cultura escolar, multiculturalismo, cultura juvenil, diversidade cultural, entre outros.

Por mais que tal apelo à cultura possa significar um modismo pedagógico, ou o mais novo jargão da nossa área, ou uma mudança de paradigmas, acredito que só o fato da palavra cultura começar a fazer parte (ou voltar a fazer parte) do vocabulário educacional já constitui um dado pedagógico que merece nossa atenção. Constitui uma inflexão no pensamento educacional, fruto das mudanças ocorridas em nossa sociedade devido às ações e demandas dos movimentos sociais, dos grupos sociais e étnicos. (GOMES, 2003 p. 75).

Cabe salientar, que a busca em prol da valorização da pluralidade cultural tornou-se mais evidente devido à luta dos movimentos e grupos sociais que cresceram abundantemente nos últimos anos. Acredita-se que a escola obteve um ganho nesse crescimento, passando a trabalhar com uma concepção ampla de educação e trazendo um leque de aprendizagens e saberes que valorizam as diferenças humanas.

A educação é o principal viés de expansão dos movimentos sociais, pois quanto mais a escola tornar seus alunos conscientes, menores serão as incidências de práticas opressivas e discriminatórias na sociedade, cabendo à comunidade escolar orientar seus alunos, gerando o respeito e a valorização da diversidade cultural. Conforme a crítica de Gomes (2003), se houver restrições na discussão da cultura no campo educacional, corre-se o risco dessa riqueza cultural não ser amplamente explorada, pois esta questão será somente ao currículo e a cultura escolar, não

levando em consideração a diversidade de assuntos que poderão ser discutidos e abordados na escola.

Para a autora, a cultura vai muito além de questões acadêmicas. As singularidades e semelhanças são construídas ao longo do processo histórico e social. Cada cultura traz consigo sua junção de vivências, costumes, crenças e idealizações como povo. Essa diversidade é construída por meio de um processo histórico e social diferenciado em suas singularidades e semelhanças com outros povos.

A cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. Ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social. (GOMES, 2003 p. 75)

Essas concepções de mundo constituídas simbolicamente são, segundo Rodrigues (1986), as representações culturais construídas historicamente através das relações entre sujeitos. Essa troca gera uma certa homogeneidade social, que não faz parte só da construção do ser humano, mas também é a identidade de um povo, evidenciando suas regras, credos e sua forma única de ver o mundo. Diante do pensamento do antropólogo, Clifford Geertz, Debert (2000) faz uma crítica quanto à essência do ser humano se revelar somente nos aspectos que são semelhantes entre as culturas. O autor acredita que são as diferenças que determinam a cultura, conforme citado por Geertz (1978):

O fato de que em todos os lugares as pessoas se juntam e procriam filhos, têm algum sentido do que é meu e do que é teu, e se protegem, de alguma forma, contra a chuva e o sol não é nem falso nem sem importância, sob alguns pontos de vista. Todavia, isso pouco ajuda no traçar um retrato do homem que seja uma presença verdadeira e honesta e não uma espécie de caricatura de um “João universal”, sem crenças e credos. (GEERTZ, 1978 p. 52)

Penso que essa crítica deve ser considerada na educação, pois o que nos faz mais semelhantes são as diferenças. Não é o fato das culturas serem semelhantes que as torna universais, pois cada uma possui suas peculiaridades, e é nesse olhar que a educação deve trabalhar os aspectos positivos de uma cultura, levantando discussões e causando reciclagem de pensamentos entre as crianças. Gomes (2003) também destaca que a diferença entre o negro e o branco foi construída



historicamente pela cultura dominante, como uma forma de classificação do ser humano, e transformada em relação de poder e hierarquização.

Essas relações sociais guiaram e ainda guiam as relações entre negros e brancos, pois somos educados pelo meio sociocultural a evidenciar as diferenças. A educação se faz por meio de um sistema de representações construídas com base em conflitos, idealizações e acordos sociais. Pois é na escola que as crianças evidenciam as diferenças entre si, trazem de seu contexto representações negativas sobre o outro e as reproduzem em suas interações escolares. Para a autora, a escola é importante na superação desses conflitos:

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas. (GOMES, 2003 p.77)

As crianças quando chegam à escola trazem suas crenças e valores que foram atribuídas no ambiente familiar, e muitas delas demonstram, mesmo que inconscientemente, comportamentos e atitudes preconceituosos e racistas com seus colegas, características essas que podem ter sido originadas em seu contexto familiar. Presume-se que a escola enquanto instituição social, valoriza-se pelo seu poder de contribuição na mudança desse contexto, pela mediação de ideias ao levar as crianças ao pensamento crítico. E acompanhando GOMES (2003), acredita-se que levar a discussão sobre a cultura negra à escola, certamente contribui nessa desconstrução no que diz respeito às questões raciais. A autora pede um posicionamento:

Mas isso requer um posicionamento. Implica a construção de práticas pedagógicas de combate à discriminação racial, um rompimento com a “naturalização” das diferenças étnico/raciais, pois esta sempre desliza para o racismo biológico e acaba por reforçar o mito da democracia racial. Uma alternativa para a construção de práticas pedagógicas que se posicionem contra a discriminação racial é a compreensão, a divulgação e o trabalho educativo que destaca a radicalidade da cultura negra. Essa é uma tarefa tanto dos cursos de formação de professores quanto dos profissionais e pesquisadores/as que já estão na prática. (GOMES, 2003 p, 77)

Com base nesse pensamento, considera-se que a escola deve avaliar o contexto em que a criança está inserida e investigar por que ela manifesta este comportamento, tendo em vista que é na escola que passa grande parte da sua infância. Experiências pedagógicas demonstram que se colocamos em discussão as

diferenças étnico-raciais, há uma evolução significativa na construção identitária dos sujeitos envolvidos no projeto educativo, melhorando sensivelmente a qualidade da convivência. Cabe à instituição escolar buscar meios de decifrar essas representações negativas em relação ao negro e a outras diferenças correlatas. Dar a ênfase a aspectos positivos da singularidade e pluralidades humanas, trabalhando com atividades inovadoras, e leituras de textos com focos específicos, entre outras alternativas.

É preciso que as questões étnico-raciais, culturais, históricas e sociais estejam presentes para que as crianças negras se sintam representadas. Seja através de suas crenças religiosas, cor de sua pele, conteúdo das áreas de conhecimento, trazendo também os papéis em que o negro ocupa na sociedade e sobretudo, nos livros didáticos e textos literários. Sendo importante também para as crianças brancas conhecerem sobre as culturas dos outros e as relações entre elas, as trocas simbólicas que são produzidas nas interações.

Conhecer a cultura e o passado de todos os povos vai possibilitar um maior entendimento das raízes de nossos costumes, através de diversos elementos como as comidas típicas, músicas, vocabulário, até mesmo contação de histórias que as crianças ouviram e ainda ouvem até hoje por meio da tradição oral. Trazer esses assuntos contribuem para o desenvolvimento do respeito às diferenças, colaborando efetivamente para o aumento da autoestima de todas as crianças e na formação da identidade.

## **2- A LEI 10639 - ESCOLAS, POLÍTICAS E PRÁTICAS DOCENTES**

A lei nº 10.639 foi criada a partir das diversas reivindicações do movimento negro brasileiro, especialmente devido ao déficit e à evasão escolar dos alunos negros, em razão da falta de conteúdos que abrangessem as culturas Afro-Brasileira e Africanas de forma positiva. Essa lei tornou-se um marco na luta pela desigualdade racial nas instituições escolares e alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/96, vindo a ser promulgada em 2003. A LDB que passa a vigorar acrescida dos artigos 26-A, 79-A e 79-B; estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas e privadas de educação básica. Estabelecem normas implementando no currículo dessas escolas,

conteúdos sobre o estudo da História da África e dos africanos, da cultura negra brasileira, da luta dos negros em terras brasileiras, e do negro na formação da sociedade nacional. Houve a inserção no calendário letivo, do dia 20 de novembro como o “Dia Nacional da Consciência Negra”, dia que é marcado pela luta contra o preconceito racial na sociedade brasileira.

Para conduzir o cumprimento da Legislação, em 2004 foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologado pelo Ministério da Educação (MEC) as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essas diretrizes foram aprovadas pelo Parecer 03/2004. Conforme o seu artigo 2º, §1º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira. (Página 01)

O estabelecimento das Diretrizes corrobora para consolidar as medidas de ações afirmativas, visto que a maior parte da população brasileira além de ser negra, desconhece sobre as questões referentes à cultura africana e, sobretudo as influências dessa cultura na formação da sociedade brasileira. O parecer considera necessário que a educação básica contemple abordagens como história da diversidade e consciência política, fortalecimento de identidades e de direitos, ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Sendo assim, o que esperamos dessa lei é que alunos negros conheçam a história de seus antepassados, e que a partir disso possam construir a sua própria identidade de forma positiva, superando os estigmas de inferioridade que foram produzidos desde o escravismo até os dias atuais, e que possam exercer de forma digna a cidadania plena.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a educação escolar confere um espaço sociocultural e institucional responsável pelas tratativas pedagógicas da cultura e conhecimento. Entretanto, para Gomes (2001), “em determinados momentos, as práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa afirmação pode parecer paradoxal, mas, dependendo

do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças” (p. 86). Portanto, de acordo com as diretrizes dos PCN, a instituição escolar deve contribuir para que os princípios de igualdade estabelecidos pela constituição sejam proporcionados através de ações da escola em questões da diversidade cultural, evidenciando a necessidade de conhecer e valorizar a cultura dos diversos grupos étnicos.

Diante disso, houve um avanço positivo no currículo, porém, também trouxe aspectos negativos quanto a instrumentalização do conteúdo. Pois acredita-se que por mais que haja uma legitimidade política e histórica dessa lei, ainda assim, muitos docentes não estão preparados para abordar essas questões de forma efetiva em sala de aula. Vê-se que um dos principais fatores que contribui para isso é a ausência dessa temática tanto nos cursos de graduação quanto na formação continuada de professores, e que, na prática ainda há resistência à implementação dessa temática.

De acordo com Munanga (2005), há professores que por não estarem preparados ou até mesmo por preconceito, não sabem e não têm interesse de intervir em situações discriminatórias no espaço escolar ou na sala de aula, como momento pedagógico para levantar discussões sobre a diversidade. Essas discussões poderiam colaborar para que seus alunos se conscientizem sobre a importância da diversidade que constitui as culturas e identidades. Na maioria das vezes os professores silenciam ou sentem pena ao invés de adotar uma atitude responsável que consista em mostrar a diversidade como um fator que enriquece a humanidade. Por outro lado, podem contribuir no acolhimento das denúncias e queixas dos alunos, em especial das crianças negras, que sofrem discriminação ou preconceito. Podem ensiná-las a assumir com dignidade e orgulho as suas origens e os atributos de sua diferença, principalmente quando em detrimento de seus corpos, as crianças forem negativamente insultadas ou depreciadas.

Segundo Trinidad (2011), é na Educação Infantil que a criança passa a conviver coletivamente com pessoas diferentes de seu contexto familiar e, por isso, é necessário que ela tenha a oportunidade de poder aprender as regras de convivência que são estabelecidas por meio do respeito a si próprio e ao outro. Essa finalidade está ressaltada pelas diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil, especialmente, o art. 7º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009):

Art. 7º Na observância destas Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

I - oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais;

II - assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias;

III - possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas;

IV - promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância;

V - construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. (DCNEI, Brasil, 2009 p. 02)

Sendo assim, é importante para o desenvolvimento humano, a construção da inteligência e da aprendizagem, a formação da personalidade, sendo este último um dos papéis da educação infantil, pois é através dela que é possível eliminar qualquer forma de discriminação, racismo e preconceitos, contribuindo para que desde a primeira infância as crianças compreendam e interajam em ações que as possibilite conhecer, se reconhecer e valorizar a importância das distintas culturas e grupos étnicos-raciais para a cultura brasileira e sua história. (BRASIL. MEC, 2003).

Diante disso, cabe aos professores da educação infantil inserirem as crianças num contexto sem a omissão da diversidade sociocultural, realizando práticas pedagógicas que ampliem a visão de mundo das crianças. Segundo Cavalleiro (2003), tal prática pode prevenir que atitudes discriminatórias e pensamentos preconceituosos sejam internalizados pelas crianças, num período em que elas são sensíveis às influências externas, seja no contexto familiar ou escolar, vindo a deixar consequências para a vida adulta. Todavia é essencial o preparo dos professores para lidar com a questão das diferenças, sempre evidenciando que as

particularidades estão em toda parte e que o fato de ser diferente não significa inferior. É necessário levantar essa discussão especialmente em relação às questões étnico-raciais, tanto com as famílias quanto com às crianças, para que haja desenvolvimento no interior das comunidades locais.

De acordo com Trinidad (2011), a família é primordial para que seja trabalhado a diversidade étnico-racial com as crianças, pois os pais sempre devem ser informados de todos os eventos e atividades que as crianças participam na escola, sendo necessário comunicar os objetivos de tais atividades, principalmente, esclarecer a importância de sua participação. A comunidade usuária da escola pode trazer informações necessárias referente à cultura nos contextos familiares da criança, hábitos e formação, seus rituais e crenças religiosas, entre outras informações, pois cada detalhe é importante para a prática pedagógica.

A instituição escolar deve pôr-se em movimento sempre em renovação no que tange ao projeto pedagógico, em conjunto com a formação continuada dos professores, tendo como princípio aproximar-se de forma significativa do cotidiano das crianças, especialmente nos diálogos em sala. A implementação da lei 10.639/03 ressalta que uma das principais ações das coordenações pedagógicas é promover, em conjunto com os professores, reuniões pedagógicas no intuito de mostrar a necessidade de trabalhar questões étnico-raciais de combate ao racismo, à discriminação e aos preconceitos, e trazer estratégias de intervenção ao âmbito escolar.

Diante disso, é de suma importância que os docentes estejam atentos para proporcionar transformações que possam estimular novas perspectivas entre as crianças. Aqui se destaca a leitura e contações de histórias em que haja personagens negros, no intuito de mostrar às crianças seu destaque positivo nas histórias. Essa atitude influenciará na construção identitária de uma nova visão das crianças negras. Pois conforme Silva e Bento (2011), em geral, cada pessoa gosta de ser apreciada pelos outros, visto que necessitamos de imagens positivas de nós mesmos. Caso contrário, a agressividade e o ódio que fazem parte do nosso emocional, acometem o nosso próprio eu, trazendo severas consequências para o nosso funcionamento psíquico.

Todavia, quando uma criança a todo momento é tida como alguém que não é bonita, ou que suas características físicas não são belas quanto a de seu colega, terá problemas em sua formação de identidade. Prejudicada em sua autoestima, optará por procurar traços que a sociedade julga como belos. Na educação infantil, as discriminações e preconceitos são expressos por meio da ação verbal, e à medida que as crianças vão crescendo transformam essas ações em atitudes. Portanto, é evidente que as questões raciais devem ser abordadas desde a educação infantil, sendo imprescindível a construção de iniciativas e projetos de conscientização e mudanças políticas e culturais nas instituições.

## **2.1 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL DE TEMÁTICA AFRO-BRASILEIRA**

Como já informado anteriormente, a literatura voltada para crianças surge no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX. Segundo Jovino (2006), os personagens negros só começam a aparecer nas literaturas no final da década de 20 e no início da década de 30 do século XX, e mesmo assim o negro e sua cultura não eram retratados de forma positiva: “É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém-saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro”. (JOVINO, 2006 p.187). Isto é, o negro e sua cultura eram retratados como inferiores, descritos de forma pejorativa como analfabeto, subalterno, ignorante, preguiçoso, e seus rituais religiosos tidos como bruxaria e feitiçarias, visão que permanece até os dias atuais.

A partir de 1975 é que a literatura infantil começa a retratar um contexto social do Brasil em que os personagens negros aparecem com mais frequência. Nesse caso, os personagens negros foram incluídos com características de personagens brancos a fim de demonstrar os conflitos étnico-raciais, como também a passividade dos negros em situações de preconceito. Segundo Jovino (2006), nesse período:

Embora muitas obras desse período tenham uma preocupação com a denúncia do preconceito e da discriminação racial, muitas delas terminam por apresentar personagens negros de um modo que repete algumas imagens e representações com as quais pretendiam romper. Essas histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas

negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético. Nessa hierarquia, os melhores postos, as melhores condições, a beleza mais ressaltada são sempre da personagem feminina mestiça e de pele clara. (p. 187-188).

Atualmente, os textos voltados para as crianças, retratam o negro em situações comuns do cotidiano, resgatando sua identidade. Retratam também, o enfrentamento do preconceito, a valorização de sua cultura e tradições religiosas e a oralidade africana, procurando romper com representações de inferioridade dos negros e sua cultura.

Nos anos 80, alguns livros começam a romper com as formas, na qual a personagem feminina negra e também sua cultura eram representadas nos períodos anteriores. Algumas obras começaram a mostrar as personagens em seus enfrentamentos de preconceitos e discriminação, o resgate de sua identidade racial, suas atuações em papéis e funções diferentes, e a valorização das religiões de matriz africana, conforme Jovino (2006):

[...] alguns livros que rompem um pouco com as consagradas formas de representação da personagem feminina negra e também da cultura afrobrasileira. É possível encontrar obras mostrando personagens negras na sua resistência ao enfrentar os preconceitos, resgatando sua identidade racial, desempenhando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias e as religiões de matriz africana, rompendo, assim, com o modelo de desqualificação presente nas narrativas dos períodos anteriores. (JOVINO, 2006 p.189).

A literatura infantil afro-brasileira teve seu nascimento através de ações políticas na perspectiva de uma possibilidade de referência e representação cultural de forma positiva, tanto para crianças negras como crianças brancas. Busca romper com os estereótipos negativos do negro e sua cultura, opondo-se à cultura europeia dos primeiros clássicos infantis que retratam unicamente príncipes e princesas de cabelos lisos e pele clara. Os contos de tradição africana e afro-brasileira são importantes modos de preservação da memória e tradição de povos, cujos modos de existência em nossa sociedade, as crianças ainda não conhecem.

Abordar temas e histórias que trazem informações de nossos antepassados fará com que as crianças reflitam sobre seus ancestrais e as origens de nossa história, trazendo novas experiências e uma nova percepção de mundo. As literaturas africana e afro-brasileira contribuem para a construção de valores morais e ensinamentos que permitirão que as crianças desde bem pequenas construam raízes



identitárias. Através do conhecimento de elementos de ancestralidade, demonstrando a valorização do seu pertencimento racial, desenvolvendo a autoestima e autoconceito nessas crianças.

## IV. RETORNO À ESCOLA E DIÁLOGO COM PROFESSORES E ESTUDANTES

### 1. OS CAMINHOS DA METODOLOGIA

A pesquisa de campo descrita, neste capítulo, pretende realizar uma integração dos dados que foram obtidos através da pesquisa bibliográfica, da observação realizada nos espaços e tempos da escola da minha infância em Santa Maria – DF, da turma da professora A e das entrevistas concedidas por mais quatro professoras dessa mesma escola.

Segundo Reyes e Monteiro (2010) “O pesquisador procura descobrir, apreender e compreender a realidade, ou parcelas dela, a partir dos significados e sentidos que os próprios sujeitos entrevistados atribuem a seus comportamentos, ao que eles vivem, acreditam e pensam sobre o vivido. ” (REYES e MONTEIRO, 2010 p. 34). A busca para compreender e produzir informações, permite interpretar os significados e sentidos dos sujeitos entrevistados a partir de sua visão de mundo, procurando analisar os fatos com empatia. Todavia, para compreender e produzir informações pertinentes à pesquisa, é necessário o apoio de técnicas e instrumentos metodológicos adequados, que permitam uma proximidade com o objeto a ser estudado. Nesse sentido, para Demo (2002):

Em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. [...] Faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação. (DEMO, 2002 p. 16)

Nesse contexto, a pesquisa traz aspectos teóricos, a prática e os procedimentos para atingir o objetivo que será proposto. A realidade é compreendida a partir de um embasamento teórico, sem a intenção de desvendar totalmente a realidade, possuindo um caminho metodológico a ser percorrido com auxílio de instrumentos cientificamente apropriados (JOSÉ FILHO, 2006 p.65).

A presente pesquisa traz como objeto de estudo as contribuições da literatura infantil para os processos de socialização e escolarização de crianças, com foco nas relações étnico-raciais. Busca-se compreendê-las a partir da análise da bibliografia sobre o tema, da consulta aos achados em outros estudos acadêmicos e, especialmente, tentando observar e captar a visão e a prática de professores que ensinam em classes da educação infantil. Esse espaço institucional representa onde

e quando deveria ocorrer a inserção dos pequenos leitores no universo da literatura disponível ao seu interesse.

Dessa forma, visamos compreender a importância do acesso a essa literatura enquanto uma atividade de expressão humana e de representação social que inclua a interação étnico-racial, típica da sociedade brasileira. A literatura trabalhada em ambiente escolar, contribui para o desenvolvimento da construção identitária das crianças, pois cria inúmeras possibilidades de aprendizagem, trazendo consigo valores e conceitos, os quais serão utilizados em diálogos com as crianças, permitindo a troca de opiniões e o desenvolvimento de sua capacidade de expressão através da mediação de leitura.

Com base em tais objetivos e questões norteadoras, optou-se por uma pesquisa inspirada na abordagem qualitativa que possibilita a leitura da realidade, pois segundo Oliveira (2010):

As pesquisas em educação e ciências sociais, com abordagem qualitativa, aproveitam das formas habituais que usamos para descrever e interpretar os fatos, os eventos, as situações e os fenômenos que acontecem no nosso cotidiano e dos quais fazemos parte. Em geral, para interpretar mobilizamos conhecimentos que provêm de nossas experiências, do que temos ouvido e lido e das reflexões que esse conjunto de elementos sugere.

Sendo assim, optamos pelos seguintes procedimentos metodológicos: observação e entrevista. Para entender melhor sobre essas técnicas e como são utilizadas em um trabalho de pesquisa foi necessário conceituar tais ferramentas. Apesar da observação ser uma atividade que ocorre diariamente, podemos usá-la como um instrumento metodológico de grande importância. Porém, para observar de forma sistemática é necessário que haja um planejamento para que se possa obter dados precisos. Esta técnica possibilita ao pesquisador extrair maiores informações sem a interferência de documentos, obtendo uma maior percepção de comportamentos e acontecimentos sempre se atendo aos detalhes. Além do planejamento do roteiro, o fenômeno a ser observado detalhadamente, a criação de formas de registro das informações é fundamental.

Quanto à entrevista, de acordo com Reyes e Monteiro (2010), a entrevista pode ser compreendida como uma conversa dialógica entre duas ou mais pessoas, que discorrem sobre um tema com a finalidade de produzir informações para a coleta de dados. É um encontro entre sujeitos em que o entrevistador propõe um diálogo

aberto, descontraído e bidirecional, levando os entrevistados a se manifestarem de forma natural, falando e expressando seus pensamentos íntimos com detalhes. (REYES e MONTEIRO, 2010 p. 34).

Além de fornecer dados significativos que baseiam uma pesquisa, a entrevista contribui para que o pesquisador expanda a sua visão em relação ao problema de pesquisa, e a visão de mundo dos entrevistados no que diz respeito aos sentimentos, ideologias e percepções que muitas vezes não são identificadas em nossas experiências cotidianas. Pelas possibilidades que oferecem, tanto a observação quanto à entrevista são duas ferramentas de pesquisa mais utilizadas numa pesquisa qualitativa. A primeira possibilita uma análise descritiva de determinado objeto de estudo e a segunda propicia uma visão subjetiva dos participantes da pesquisa, podendo fornecer material, em ambos os instrumentos, para variadas abordagens metodológicas.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE OBSERVAÇÃO**

A escola pública escolhida para a pesquisa empírica através da entrevista e observação foi a escola da minha infância em Santa Maria, situada na região do Distrito Federal. Os motivos da escolha dessa escola são significativos. O primeiro motivo refere-se aos primeiros anos de alfabetização que tive a oportunidade de ter nesta escola. O segundo, devido aos profissionais atuantes nessa instituição que sempre são receptivos a acolher as pessoas que procuram a escola. A maioria das pessoas que constitui a comunidade escolar são negras, e diante disso achei interessante pesquisar como a literatura infantil de temática étnico-racial é trabalhada na educação infantil dessa escola.

A realidade desta escola vem sofrendo alterações desde a sua inauguração nos anos de 1990, tanto nas questões estruturais quanto nas administrativas e pedagógicas. A Instituição conta com 15 salas de aula, uma secretaria, uma sala para laboratório de informática, pátio coberto, uma sala para professores, cozinha, uma sala para leitura, uma sala que funciona como laboratório de aprendizagem, duas salas para equipe da direção, estacionamento, quadra para esportes (com necessidade de cobertura), um parquinho para as crianças da educação infantil, área de serviço, uma sala de refeitório de professores, uma sala de multimídia, uma sala

para orientação educacional, sala de recursos, banheiros para estudantes (masculino e feminino), banheiros para professores (masculino e feminino), banheiros para estudantes com necessidades educacionais especiais e uma sala para reforço escolar.

Desde a inauguração da escola em 1996, a comunidade escolar tem se diversificado, bem como os atendimentos oferecidos. Anteriormente a maioria dos pais da comunidade escolar era de classe baixa e esse quadro foi mudando ao longo do tempo. Atualmente, a comunidade é bem diversificada no que diz respeito ao poder aquisitivo. A partir do ano de 2016, a escola tem recebido muitos alunos advindos de escolas particulares da região, tendo em vista a crise econômica do País. Esta questão vem gerando alguns conflitos entre a escola e os pais dos alunos, pois os pais cobram que a escola pública tenha o mesmo suporte da rede particular. Porém, sabemos que a escola pública possui suas particularidades, visto que normalmente possui uma quantidade bem significativa de estudantes em sala e diante disso, o acompanhamento nunca é igual ao da rede particular.

A escola é composta por 62 funcionários, dos quais 18 pertencem à carreira Assistência à Educação, 02 são requisitados de outros órgãos (SAB e SLU, respectivamente). Em relação à carreira do Magistério, os profissionais estão assim distribuídos por habilitação: 44 com Especialização e 09 com graduação. Além dos funcionários citados, a escola dispõe de 09 auxiliares de limpeza terceirizados da Empresa Juiz de Fora. Os profissionais são compreendidos em 05 professoras de educação infantil, 17 professores do ensino fundamental do 1º ao 5º ano e 02 professoras de Educação Física.

Através desta instituição já foi oferecido Ensino Fundamental anos finais (5ª e 6ª séries) e Educação Especial no formato de Classe Especial, que hoje encontra-se em uma escola somente para educação especial, na Escola Classe 206 de Santa Maria. Embora as necessidades especiais na escola sejam amplas e diversificadas, a atual Política Nacional de Educação Especial aponta para uma definição de prioridades no que se refere aos atendimentos na escola para quem deles necessitar.

Atualmente, a escola oferece a Educação Básica organizada em ciclos nos seguintes níveis: Educação Infantil num total de 5 turmas, sendo duas de 1º período

(4 anos) com 52 estudantes e três turmas do 2º período (5 anos) com 78 estudantes, totalizando 130 alunos matriculados até esta data; Ensino Fundamental de 9 anos compreendendo: 17 turmas do BIA (1º ao 3º ano) com 356 estudantes, 8 turmas de 4º ao 5º ano com 182 estudantes, totalizando 668 estudantes nesta data...

A escola possui alunos com distorção idade/série com uma margem de 2 anos ou mais de defasagem. Os estudantes com transtornos funcionais (DPAC, TDAH e Dislalia) são num total de 13, dos quais alguns são atendidos no polo para transtornos. A escola conta ainda com 02 estudantes com TEA (Transtorno Espectro do Autismo) em classe de integração inversa. Também há estudantes com outras especialidades sendo: 03 com DI (Deficiência Intelectual), 03 com DF (Deficiência Física), 01 estudante com Síndrome de Down, e 01 com DA (Deficiência Auditiva) leve. A escola também possui um estudante que é atendido em polo de altas habilidades. Alguns destes estudantes com necessidades educacionais especiais, são acompanhados por um monitor da Secretaria da Educação e duas educadoras voluntárias sociais enviadas pela CRE de Santa Maria.

### **3. PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA**

A construção do Projeto Político Pedagógico da escola foi realizada coletivamente por meio dos pais dos alunos e profissionais da escola. O PPP prevê um currículo flexível e sempre reconstruído a partir das demandas que vão surgindo.

A escola encontra-se organizada em forma de ciclos e todos os projetos pedagógicos são elaborados, conforme as orientações da Secretaria da Educação, nos momentos de coordenação coletiva e individual, com as atividades que melhor atendam à demanda dos estudantes. Nestes momentos, projetos interventivos, reagrupamentos, adequações curriculares são amplamente discutidos, (re)avaliados e modificados para que a organização curricular fique mais próxima possível das propostas do currículo em movimento, e que possa abranger todos da comunidade em todas as suas especificidades.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola considera tempos e espaços adequados à realidade da comunidade escolar, valorizando a história pessoal/familiar e a experiência, procurando atender cada um em sua diferença, sem

perder de vista a inclusão de todos na sociedade como cidadão de direitos e deveres numa vida coletiva.

Nas coordenações coletivas e/ou setorizadas, a escola costuma debater as diversas concepções curriculares que nortearão o trabalho pedagógico, vislumbrando um campo de possibilidades com raízes que se multiplicam e colaboram para a constituição das potencialidades dos estudantes.

Alguns princípios são considerados fundamentais na prática educativa desta Instituição, como por exemplo, o desenvolvimento da criança, as relações com a família e o papel do educador como mediador do processo de construção do conhecimento. De acordo com o documento, as atividades desenvolvidas na escola permitem ao professor e aluno naveguem pelo Currículo em Movimento da Secretaria da Educação do Distrito Federal de forma significativa. Portanto, o currículo serve de ferramenta para a proposta pedagógica da escola, sendo sempre realizadas as adequações necessárias a fim de vislumbrar pressupostos, concepções, valores e visões da realidade, orientando as escolhas dos conteúdos e dos métodos de ensino, transformando práticas existentes ou qualificando-as.

No início do ano letivo, a escola trabalha com a semana de adaptação com as turmas de Educação Infantil. Essa proposta está embasada nas orientações oriundas da SUBEB (Subsecretaria de Educação Básica) a fim de receber a criança e a família de forma prazerosa e com cuidado, já que o êxito desse acolhimento refletirá na qualidade de adaptação e no processo de escolarização das crianças. Por isso, professores, coordenadores, orientadores educacionais procuraram sempre definir estratégias adequadas de acolhimento, como, por exemplo, ?

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, no início do ano a escola prepara um cronograma, incluindo atividades culturais significativas a fim de enriquecer a concepção de currículo e enfatizar a importância das relações de respeito, reciprocidade e solidariedade, aliado aos princípios dos PCN e Currículo em movimento. Nesse sentido, as grades horárias das turmas e a estrutura física da escola devem ser analisadas e otimizadas, para que as indicações do projeto político pedagógico possam se desenvolver adequadamente.


Conforme o PPP da instituição, a proposta pedagógica da mesma está embasada no Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal e por

isso, requer uma ação pedagógica sustentada nos eixos transversais: Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos e Educação para a Sustentabilidade.

Durante o ano letivo, a escola realiza alguns eventos como a típica festa junina, abertura dos jogos escolares, feira de ciências, festa da família e dia da consciência negra. Um dos eventos que chama atenção é a festa da família. Questionados por que eles realizavam esta festa, o Diretor explicou que a Instituição não realiza o dia das mães e o dia dos pais, pois os membros familiares são diversificados e que seria melhor fazer a festa da família para ser mais eficazes e para não causar constrangimentos aos alunos e pais. Acreditamos que a atitude da escola é muito boa, pois hoje as novas configurações familiares têm se tornado um processo natural e inevitável e os novos arranjos familiares são o resultado de novos tempos, novas formas de convivermos em sociedade. E se as famílias mudam com as alterações sociais ao longo dos anos, a sociedade também se readequa para “recepcionar” esses novos grupos familiares. Diante das novas composições familiares entendemos que a escola também precisa se reconfigurar.



### Calendário de eventos da escola



## Calendário de Eventos

EVENTO 1º BIMESTRE	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	EM REPOSIÇÃO AO DIA
Reunião de Pais/ entrega dos livros	18/02			13/02 - Paralisação
Baile de Carnaval	24/02			
Vestibulinho 1º Bim.		11 e 12/03		
Reunião de Pais 1º Bim			26/04	
EVENTO 2º BIMESTRE	MAIO	JUNHO	JULHO	
Dia letivo		03/06		
Início da Gincana Junina	09/05			
Encerramento da gincana		08/06		
Festa Junina		10/06 *		16/06 - Dia Letivo Móvel
Abertura dos jogos Escolares		12/06		
Inícios dos Jogos Escolares		13/06		
Vestibulinho 2º Bim		20 e 21/06		
Reunião de Pais 2º Bim			01/07	10/07 – Dia Letivo móvel
Encerramento dos jogos escolares			06/07	
Confraternização Professores			07/07	
EVENTO 3º BIMESTRE	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	
Feira de Ciências	19/08			28/07 – Dia Letivo Móvel
Festa da Família		23/09		08/09 – Dia Letivo Móvel
Vestibulinho 3º Bim		26 e 27/09		
Reunião de Pais 3º Bim			07/10 *	13/10 - Dia Letivo Móvel
Sema do dia das crianças			9 a 11/10	
EVENTO 4º BIMESTRE	NOVEMBRO	DEZEMBRO		
Consciência Negra	25/11 *			03/11 - Dia Letivo Móvel
Vestibulinho 4º Bim		05 e 06/12		
Cantata de Natal – Ed Inf.		14/12		
Cantata de Natal – Fund.		15/12		
Em aberto		16/12		01/12 - Dia Letivo Móvel
Encerramento com alunos		19/12		
Reunião de Pais 4º Bim		20/12		
Confraternização Professores		21/12		

## **V. ANÁLISES, PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS E CONSIDERAÇÕES**

### **1- ATIVIDADES CURRICULARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DECLARADO E O PRATICADO**

A proposta curricular da escola está embasada no Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal e por isso, requer uma ação didática e pedagógica sustentada em eixos transversais: Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos, Educação para a Sustentabilidade. Nesse sentido, o Currículo menciona que nos planos e ações da escola é importante promover o rompimento das relações de dominação de diferentes naturezas, tais como “a étnica-racial (dos que se dizem brancos sobre os negros)”, ou seja, o documento declara que é necessário romper essa dominação não só em momentos de intervenção, como é realizado pelas professoras da educação infantil, mas continuamente, para que haja uma construção identitária significativa para as crianças e a extinção do preconceito e discriminação na escola.

O Currículo em Movimento da Educação Básica na Educação Infantil orienta para a perspectiva da integralidade, que o trabalho deve basear-se nos princípios éticos, políticos e estéticos, destacados pelas DCNEI, e orienta as aprendizagens a serem promovidas. Todavia, sabemos que a existência de documentos curriculares oficiais, não garante sua implantação. É apenas no dia a dia de trabalho de uma instituição, com o protagonismo dos diversos sujeitos que estão inseridos na escola, sobretudo do professor (a), que o currículo se transforma em ação e passa de fato a existir. O currículo compreende a complexa relação entre o que é declarado oficialmente e o praticado pelas instituições, que conseqüentemente materializa-se na aprendizagem das crianças.

Neste sentido, a Secretaria da Educação do Distrito Federal adota como eixo integrador do Currículo da Educação Infantil um conjunto de elementos que devem ser a base do trabalho educativo com crianças de 0 a 5 anos: educar e cuidar, brincar e interagir. A elaboração da proposta curricular precisa ser pensada de acordo com a realidade da instituição: identidade institucional, características, escolhas coletivas e particularidades pedagógicas, de modo a estabelecer a integração dessas experiências. No entanto, é necessário que as escolas, em seu Projeto Político

Pedagógico e em suas práticas diárias, especialmente em relação à importância da literatura infantil com temática étnico-racial:

III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade;

IX - promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura;

Sendo assim, diante desses eixos observou-se a escassez de elementos literários que possibilitem, as crianças da educação infantil, experiências e interação com a linguagem escrita, e o pouco convívio com diferentes suportes literários orais e escritos. É somente na interação com o outro que as crianças ampliam suas referências através do diálogo, favorecendo o reconhecimento das diferenças. Quanto à promoção do relacionamento e interação com as diversas manifestações literárias, a escola deixa a desejar quando utiliza esses momentos, mais precisamente no momento psicomotor, músicas que não transmitem as letras e sons de diferentes culturas. É preciso diversificar o repertório de músicas que são apresentadas, poderia haver um diálogo com as crianças para que elas levassem as músicas que costumam ouvir no seu contexto familiar e as professoras também oportunizassem conhecer as diversas obras musicais, principalmente cânticos africanos, afro-brasileiros e indígenas. Músicas e danças que fazem parte das diversas manifestações culturais devem ser apreciadas e fazer parte do cotidiano das turmas, pois são heranças culturais que merecem destaque no aprendizado.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, o currículo é vivenciado e reconstruído no cotidiano escolar, sendo essencial a organização do trabalho pedagógico na escola. Porém, as professoras da Educação Infantil não possuem um planejamento periódico das atividades a serem realizadas com os alunos no decorrer do ano letivo. O planejamento das aulas é elaborado no período matutino, momento em que as professoras encontram-se na coordenação pedagógica. Nesse

momento é decidido entre elas quais atividades serão realizadas com as turmas durante a semana.

Segundo o Projeto Político Pedagógico, a utilização das diversas estratégias realizadas pela escola deve ser desafiadora e provocadora, levando-se em conta a construção pelos estudantes, de suas hipóteses e estratégias. Menciona também que o Conselho de Classe deve ser participativo, que a Coordenação abra espaço para formação continuada, planejamento e replanejamentos de ações que possam diminuir as diferenças entre os estudantes. Todavia, é notória a falta de materiais como livros, principalmente as literaturas de temática afro-brasileira e africana, e atividades que contemplem a diversidade social, religiosa, cultural, étnico-racial e linguística, conforme é proposto no Currículo em Movimento da Educação Básica.

Um dos princípios dos objetivos gerais do Projeto Político Pedagógico da escola é assegurar: “II – Os princípios de liberdade, solidariedade humana e respeito ao indivíduo, às diferenças e às individualidades de cada um contribuindo na formação de um cidadão consciente, organizado e participativo no processo de construção política, social e cultural da sociedade contemporânea. ”. Esse objetivo é supostamente atingido pela escola, visto que as professoras acreditam que não há preconceito e discriminação racial na Educação Infantil e não veem a necessidade de trabalhar a diversidade cultural com as crianças, a não ser em momentos de intervenção para mediar conflitos, como foi dito por uma das professoras entrevistadas. Todavia, existe uma contradição nos relatos das professoras, pois elas dizem que utilizam as histórias para resolver os conflitos em sala de aula, e ao mesmo tempo dizem que não há discriminação entre as crianças da educação infantil. Sendo assim, supõe-se que as professoras se silenciam diante das situações de conflitos discriminatórios e utilizam os textos literários para apaziguar a situação. A organização e a dinâmica das atividades curriculares observadas neste estudo, entretanto, expressam de forma incipiente tanto a vivência estética e ética da literatura quanto dos princípios declarados no Projeto.

## 2- IMAGENS DO COTIDIANO DA SALA DE AULA

A observação foi realizada na turma do 2º período da Educação Infantil, tendo como docente a professora J. A turma possui um total de 28 alunos, sendo 17 meninas e 11 meninos, na faixa etária de 05 anos de idade, no período vespertino. Todas as professoras relataram que todos os dias os alunos do 1º e 2º período iniciam suas atividades com o momento psicomotor através de músicas, danças e brincadeiras no pátio da escola. O repertório musical sempre se baseia nas músicas da cantora Xuxa. As músicas mais tocadas foram: Estátua, Quem quer pão, Txu Txutxucão. A letra de algumas dessas músicas representa algumas brincadeiras das crianças, tais como, estátua e a imitação dos passos das professoras que guiavam as crianças. Percebeu-se que as músicas envolviam as crianças naquele momento, a dançar e imitar os passos das professoras e de seus colegas, havendo assim, interação entre todos. Após esse momento é realizado alguma atividade em sala. Registros fotográficos dessas imagens observadas estão apresentadas nas figuras a seguir:

**FIGURA 1 - Momento psicomotor das crianças do 1º e 2º período**



Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017



**FIGURA 2 - Momento de descanso após as danças e brincadeiras das crianças**



Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017

**FIGURA 3 - Momento da preparação para a contação de história no pátio da escola para todas as turmas da educação infantil**

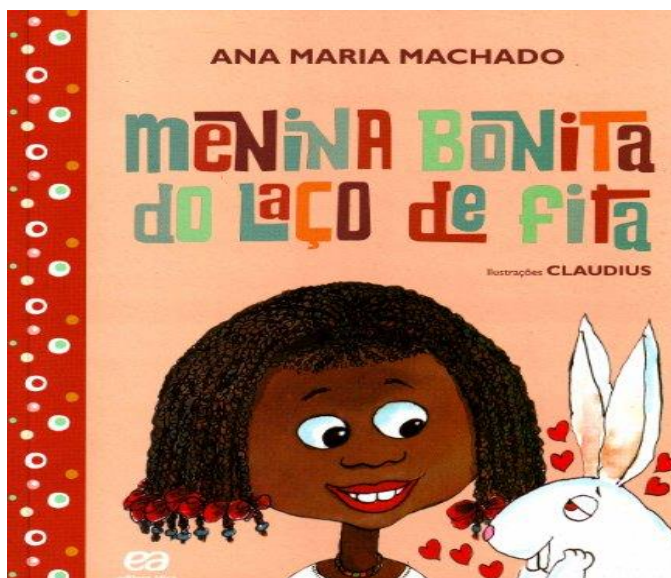


Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017

Durante o período em que estive observando o momento psicomotor das crianças, a professora J me convidou para fazer uma contação de história com o livro “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado. A professora escolheu o livro, pois ela já tinha uma afinidade com a história e teria mais preparação para realizar a contação. Todavia, não tinha o livro na biblioteca da escola e ela pediu que eu levasse, já que eu tinha o livro.

Ressalta-se que na escola não há projeto de leitura e diante disso, há uma insuficiente prática de leitura com e entre as crianças, não sendo realizadas atividades com textos literários em sala de aula. Tínhamos programado que a contação seria realizada por ela, porém, ela me surpreendeu e me convidou a conduzir essa atividade com as crianças. Poucas crianças conheciam o livro e tampouco sua história, todavia, o livro foi escolhido intencionalmente pela professora para trabalhar as diferenças humanas com as crianças naquele momento. O livro conta a história de um coelho branco que procura fazer de tudo para ficar pretinho como a menina bonita do laço de fita que ele tanto admira devido à cor de sua pele.

### Imagem da capa do livro



Fonte: Página do Blog da Xalingo<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.xalingo.com.br/blog/tag/empoderamento/> Acesso em maio de 2017.

No anseio de ser pretinho o coelho questiona diversas vezes a menina para saber como ela herdou aquela cor. No enredo da história o coelho faz o seguinte questionamento à menina: “- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha? ”. Porém, devido a menina não saber a origem de sua cor, ela sempre inventava as respostas como “ – Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina. ” Até que a mãe da menina esclarece ao coelho dizendo que ela era assim porque sua avó era preta. Diante da resposta da mãe da menina, o coelho que era esperto logo percebeu que seus ancestrais eram brancos e por isso ele nunca seria pretinho, e que para conquistar o seu sonho de ter uma filha pretinha e linda como a menina bonita do laço de fita, ele teria que se casar com uma coelha preta. Sendo assim, o coelho logo encontrou “uma coelhinha escura como a noite” e se casou, vindo a ter vários coelhinhos de diversas cores, incluindo uma coelhinha bem pretinha. O coelhinho era apaixonado pela coelhinha preta e que se tornou afilhada da menina bonita do laço de fita.

Através desta história é possível trazer para as crianças o tema da inclusão do negro e da diversidade, apresentando positivamente o negro de forma interativa por meio do personagem do coelho branco que vê a menina negra como uma beleza incomparável, buscando de algum modo descobrir como ela nasceu pretinha para se tornar pretinho como a menina bonita do laço de fita. Porém, analisando a parte estética da ilustração do livro, percebi um certo exagero em relação aos traços caracterizadores da personagem principal. Há um exagero no tamanho dos olhos e os dentes estão destacados para fora da boca. Observando com atenção percebe-se que a maioria dos ilustradores de livros que tratam a temática étnico-racial, não ilustram os personagens negros com as suas características reais, sempre caricaturando os detalhes do rosto e corpo do personagem. Funciona como uma generalização ou padrão de referência, como se toda pessoa negra tivesse as mesmas características.

No decorrer da contação, as crianças ficaram atentas a cada detalhe da história e ficaram encantadas quando o coelhinho teve vários filhotes e um deles era pretinho. Todavia, não houve muitas intervenções e questionamentos sobre a história contada. Procurei estimulá-las de forma dialógica com questionamentos colocando em evidência que ser negro é uma questão de genética e ancestralidade, e a beleza



negra que o coelhinho tanto ansiava, levando a história para um contexto real. Buscando evidenciar a importância de cada um conhecer suas origens e sua cultura.

**FIGURA 4 - Contação da história Menina bonita do laço de fita**



Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017

**FIGURA 5 - Contação da história Menina bonita do laço de fita**



Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017

Após a contação, as crianças foram para a sala realizar uma atividade, porém, a atividade desenvolvida não teve nenhuma relação com a história. A atividade realizada já estava proposta no cronograma semanal da turma. A sala da turma é bem decorada e espaçosa, possui algumas atividades realizadas pelos alunos nos murais, e também um cronograma feito pela professora que fica exposto embaixo do quadro. Achei interessante o cronograma das crianças, pois assim elas podem acompanhar toda a rotina que elas realizam durante o dia. Acredito que devido a este cronograma as crianças ficam menos ansiosas para saber o que irão fazer todos os dias e podem programar junto com a professora as atividades que serão realizadas durante a semana.

**FIGURA 6 - Cronograma da turma no dia da observação**



Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017

De acordo com o cronograma da turma, naquele dia a atividade a ser desenvolvida pelas crianças era a brincadeira com massinhas. As crianças brincaram com as massinhas e os brinquedos que haviam levado. Algumas crianças ficavam em grupinhos e outras isoladas, sendo que dois meninos negros ficaram mais isolados, pois não receberam as massinhas para brincar com os colegas. Foram questionar a professora porque não tinham recebido e ela disse que havia acabado. Em seguida ela pediu para as demais crianças dividirem a massa com os meninos para que todos pudessem brincar, o que as crianças acataram sem pestanejar. Naquele dia cada um levou seu brinquedo preferido para compartilhar com as outras crianças da turma. Um dos meninos citados anteriormente, não tinha levado brinquedo e brincou apenas com a massinha que foi dividida por seus colegas.

Esses meninos sempre ficavam mais isolados das demais crianças e ao perceber o isolamento fui até cada um deles para conversar um pouco e ganhar intimidade para que pudessem se abrir comigo. Porém, eles evitavam conversar e procuravam fazer outras coisas. Questionei a professora da turma se ela sabia o motivo do isolamento e ela simplesmente disse que “eles são assim mesmo”. Em outro momento, ela me contou sobre a história de um dos meninos, que chamarei pelo nome fictício Criança A para abordar a história.

A professora J informou que a Criança A morava com a mãe, porém ele dificilmente tinha contato com ela, pois sempre que ela chegava do trabalho ele estava dormindo e quando ela ia para o trabalho ele também estava dormindo. A mãe então contratou duas cuidadoras, uma para cada período. Todavia, no decorrer do ano letivo a professora percebeu que a criança estava sendo malculada e demonstrando um comportamento muito “difícil”, brigando com os colegas da turma, desobedecendo e atrapalhando a aula.

Diante desta situação, a professora conversou com a mãe da criança A sobre o comportamento dela e tudo que estava percebendo. Depois de muita insistência da professora, a mãe resolveu dispensar a cuidadora e ser mais presente nos cuidados com a criança. Após essa conversa, a professora J observou que o menino A começou a mudar de comportamento e até parecia outra criança, conforme ela mencionou em nossa conversa. A professora descarta qualquer fato de preconceito ou discriminação como razão do isolamento dos meninos.

Após a atividade com massinha, seguindo o cronograma da turma, as crianças foram lanche e em seguida foram brincar no parquinho da escola. Nesse momento lúdico, as crianças interagem bastante entre si, não identifiquei nenhum momento de isolamento das crianças negras. A turma parece integrada e colaborativa entre si, as crianças são uns amores. Ao terminar as brincadeiras no parquinho, as crianças retornam para a sala, pois é chegada a hora de ir para casa. É visível a presença de pessoas negras na escola, principalmente dentre os alunos, considerando a constituição da comunidade, entorno e famílias dos estudantes. Observações aprofundadas são necessárias para uma caracterização das relações raciais em ambiente escolar.

## **2.1- DIÁLOGO COM PROFESSORAS**

O intuito dessa entrevista foi construir informações para responder as questões de pesquisa e atingir objetivos propostos. A entrevista foi realizada com 05 professoras da escola observada. Três das cinco professoras possuem especialização e atuam na área há aproximadamente 20 anos, e as outras duas são graduadas no curso de Pedagogia e têm pouco tempo de carreira docente. Todas atuam na Educação Infantil e os alunos das turmas estão na faixa etária de 04 a 05 anos de idade.

A entrevista foi realizada de forma coletiva e as respostas dos questionamentos se deram em forma de discussão, na qual cada professora colocou o seu ponto de vista sobre cada pergunta, complementando as respostas umas das outras. O diálogo apoiou-se em um roteiro orientador composto por seis (6) questões abertas, que traduzem as intenções de conhecimento deste trabalho. A seguir, a sequência das questões, o relato das respostas e comentários da discussão.

Roteiro orientador da entrevista e síntese das respostas

- a) Qual a importância da literatura infantil com foco étnico/racial para a construção de identidade da criança?

De acordo com as professoras, a literatura infantil é importante para que as crianças respeitem as diversidades e também contribui para que elas possam falar das diferenças sem receio ou preconceito. As professoras não fizeram declarações sobre a construção subjetiva de identidade, autoconceito e autoestima. Ao dizer que a literatura é importante por que possibilita falar sem receios sobre as diferenças é possível que estejam se referindo às dificuldades da escola em tratar com profundidade temas como o racismo, a sexualidade e outros correlatos. Esse enfrentamento deve ser trabalhado desde a educação infantil, na qual se formam os comportamentos de base.

Diante disso, cabe as professoras da educação infantil inserirem as crianças num contexto sem a omissão da diversidade sociocultural, realizando práticas pedagógicas que ampliem a visão de mundo das crianças. Segundo

Cavalleiro (2003), conforme citado no capítulo III, tal prática pode prevenir que atitudes discriminatórias e pensamentos preconceituosos sejam internalizados pelas crianças, num período em que elas são sensíveis às influências externas, seja no contexto familiar ou escolar, vindas a deixar consequências para a vida adulta. Todavia, é essencial o preparo dos professores para lidar com a questão das diferenças. É necessário levantar essa discussão especialmente em relação às questões étnico-raciais, tanto com as famílias quanto com às crianças, para que haja desenvolvimento no interior das comunidades locais.

- b) Houve uma disponibilização maior de textos literários com abordagens étnico-raciais? Por que considera que houve ou não, aumento na abordagem de questões relacionadas a diferenças étnico-raciais, de gênero e outras na literatura infanto-juvenil?

As entrevistadas afirmam que houve uma maior disponibilidade de textos literários, abordando as questões étnico-raciais e também de gênero, bem como outros meios de divulgação como palestras e apresentações teatrais. Principalmente após a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica enfatizando a pluralidade cultural. Acreditam também que há outros fatores, como os movimentos sociais que reivindicam o reconhecimento e a valorização das diferenças. A longos anos, a população negra através de suas organizações luta contra os preconceitos e discriminações da criança negra no ambiente escolar desde a pré-escola.

- c) Como é sua prática de leitura e contação de histórias com foco étnico-racial? Com que frequência leva ou utiliza livros e filmes de temática étnica-racial, com personagens negros e/ou indígenas?

As professoras relataram que trabalham com essa temática somente quando surgem alguns conflitos em sala de aula e naquele momento levam o assunto para a discussão da turma. Diante disso é notório que a temática étnico-racial somente é trabalhada pelas professoras nesses momentos e no Dia Nacional da Consciência Negra. Não se consolida dessa forma o que está dito no Projeto Político Pedagógico

da escola. Isto é, estariam assegurados nos seus objetivos: “II – Os princípios de liberdade, solidariedade humana e respeito ao indivíduo, e as diferenças e as individualidades de cada um contribuindo na formação de um cidadão consciente, organizado e participativo no processo de construção político, social e cultural da sociedade contemporânea. ”

Para isso, essas temáticas devem ser trabalhadas cotidianamente, especialmente a étnico-racial, visto que não se pode trabalhar a história dos negros somente em 20 de novembro no Dia Consciência Negra, mas abordar esse tema durante todo o ano letivo. É preciso que a instituição escolar tenha o compromisso de trabalhar a história e cultura afro brasileira e africana de maneira interdisciplinar e transversal. Diante disso, percebe-se que os princípios do PPP da escola que estão formalizado no papel, exigem que sejam praticados na realidade das relações pedagógicas no interior do ambiente escolar.

- d) Quais são os procedimentos criados e desenvolvidos para um pensar mais interrogativo, reflexivo e investigativo das crianças?

Para desenvolver um pensar mais reflexivo e investigativo das crianças, as professoras responderam que criam peças teatrais e utilizam livros de literatura infantil. Segundo elas, fazem contações de histórias, levantando questões sobre a diversidade. Fazem isso com o intuito de debater as questões que vão surgindo quando há conflitos, e também conversas informais na rodinha.

- e) Como você vê o uso dessa literatura, histórias orais e filmes, no processo de formação da identidade das crianças; quais os impactos que esse conteúdo obrigatório pela Lei de Diretrizes e Bases vem gerando nas relações no interior da comunidade escolar?

Esses materiais são vistos com importância pelas professoras, de forma que com seu uso pedagógico a criança desenvolva o respeito à diversidade. E o uso dessa literatura tem permitido amplo debate em sala de aula e no espaço escolar. Dessa forma, o diálogo permite que as crianças desenvolvam maior empatia e tolerância com relação às diferenças e diversidades presentes na comunidade escolar

e na sociedade como um todo. Dentro do ambiente escolar percebe-se maior conscientização e debate no que tange às questões da diversidade de gênero. Permitindo que alunos e professores (as) dialoguem acerca da importância do respeito ao próximo. A maioria das crianças das classes populares tem o primeiro contato com a literatura apenas quando chega à escola. Todavia, ainda há muitos professores na educação infantil que pelas dificuldades de manutenção e gestão desse nível de ensino, não trabalham com literatura em sala de aula e quando o fazem, não levam em consideração a faixa etária das crianças.

Interessante como as respostas das professoras se alinham ao discurso político do Projeto Político Pedagógico da escola. As professoras utilizam do discurso politicamente correto, cujas contradições se revelam na prática do dia a dia da escola.

- f) Por que acreditam que as crianças da educação infantil não manifestam comportamentos racistas e discriminatórios?

Foi relatado que dificilmente aparecem momentos em que seja preciso intervir sobre essa questão. Tendo em vista que a maioria da nossa comunidade escolar é negra, as crianças não manifestam comportamentos racistas. Para as professoras, os comportamentos discriminatórios ficam mais evidentes em relação as crianças com NEE's, pois na escola essa questão é mais presente. Então, as professoras trabalham mais a cooperação entre as crianças, em relação a essas diferenças.

Visto que a maioria da população da comunidade é negra, então as atividades com literatura de foco étnico-racial deveriam ser muito mais valorizadas na escola, não só quando surgem conflitos. Pois, muitas crianças têm o seu primeiro contato com a literatura apenas quando chegam à escola. Os textos literários que trazem a temática étnico-racial contribuirão significativamente na construção de identidade das crianças e no seu desenvolvimento pessoal. Promovem a igualdade racial, inspirando a criação de atividades nas quais haja interação entre as crianças, que valorizam atitudes de respeito às diferenças, e que possam contribuir para uma autoimagem positiva da criança negra.

### **3- ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO E RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS.**

Na contação de história sobre o livro “Menina bonita do laço de fita”, os retornos das provocações foram positivos e foi perceptível que as crianças não levantaram questões raciais. Ou seja, que as crianças negras não se reconheciam diferentes das outras, mostrando encantadas por se sentirem representadas com a menina bonita do laço de fita, tendo em vista a cor da personagem e a paixão do coelho.

Literaturas infantis que trazem personagens negros contribuem para que as crianças se apropriem de valores como o respeito a si próprias e ao outro. Além disso, essas obras elevam a autoestima da criança negra, quando colocam como protagonistas personagens negros de forma positiva. Esse tipo de personagem anteriormente não era explorado na literatura infantil. Essas obras remetem à necessidade de preservar e valorizar a identidade cultural das crianças, mostrando que a riqueza está justamente nas diferenças, em suas aproximações e intercâmbios entre povos e suas culturas.

É de suma importância que os professores possibilitem brincadeiras de faz de conta entre as crianças, contribuindo para sustentar o imaginário, e ter a curiosidade respondida em relação a muitas perguntas, ajudando a encontrar ideias para solucionar questões. O mundo imaginário representa uma possibilidade de descobrir o mundo intenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos por meio dos problemas que, de acordo com as possibilidades vão sendo enfrentados e resolvidos pelos personagens de cada história.

As professoras mencionaram na entrevista que as crianças da educação infantil não percebem as diferenças referentes à cor da pele umas das outras e que essa temática somente é trabalhada quando ocorrem conflitos, visto que, as discriminações são escassas na socialização das crianças. Esse discurso de que as crianças não demonstram preconceito em suas socializações é bem antigo. Essa crença das professoras em achar que as crianças que estão na educação infantil não manifestam tais comportamentos, é também descrita na pesquisa de mestrado de



Cavalleiro (2000). Essa autora constatou que alguns professores não acreditam que crianças de 3 a 5 anos de idade, possam ter atitudes discriminatórias e racistas.

Contudo, Cavalleiro identificou em sua pesquisa que “as crianças brancas revelaram um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo caráter negativo à cor da pele”, ao mesmo tempo que as “crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem” (CAVALLEIRO, 2000 p. 10). Para essa autora, a ausência da temática racial nos currículos e projetos pedagógicos escolares, traz consequências para as crianças negras quanto à sua aprendizagem e autoestima desde a educação infantil, além de reforçar o racismo não só na escola como na sociedade.

Diante disso, percebo que a escola não deve perder tempo para iniciar intervenções e instigar o pensamento reflexivo das crianças sobre as questões étnico-raciais, além de outras como gênero, cidadania e diversidade. O cumprimento do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases que torna obrigatório o ensino da história e das culturas africanas e afro-brasileira fará com que se possa ter cada vez mais escolas inclusivas, levando as crianças desde pequenas a ter empatia.

## CONSIDERAÇÕES

Este trabalho é apenas o início da construção de uma reflexão, visto que o tema aqui proposto é um campo complexo a ser explorado. Nele não me coloco com tanta abrangência, pois trouxe apenas alguns dados de leitura e observação, já que a pesquisa é limitada a uma escola pública específica e com um tempo de contato muito inferior ao da necessidade que a complexidade que do tema exige.

Buscou-se compreender o processo de construção identitária das crianças tendo como foco sua constituição étnico-racial, é um desafio visto que este é um campo complexo e dinâmico, sendo construído socialmente e marcado por relações historicamente hierarquizadas por critérios de inferioridade e superioridade. A literatura infantil com foco étnico-racial contribui significativamente para a construção de identidade das crianças, pois traz informações importantes para auxiliar a compreensão das dificuldades próprias da infância ou, ainda, possibilita que as crianças encontrem um caminho para a resolução de seus problemas e construção de valores e princípios, na medida em que se identificam com os personagens das histórias que leem.

A ausência da valorização das culturas de matriz africana, não só delas, mas das diversas existentes em nosso País, acaba por resultar em uma visão negativa do negro e todos os símbolos que a elas estão relacionados, prejudicando a formação de uma identidade significativa. É preciso que as questões étnico-raciais, culturais, históricas e sociais estejam presentes nos textos e outros materiais para que as crianças negras se sintam representadas. No conteúdo das áreas de conhecimento, trazendo também os papéis significativos na sociedade, sobretudo, nos livros didáticos e textos literários. Sendo importante também para as crianças brancas conhecerem sobre as culturas dos outros e as relações entre elas, as trocas simbólicas que são produzidas nas interações.

Trazer elementos para que as crianças ampliem o conhecimento da cultura e da história de todos os povos vai possibilitar um maior entendimento das raízes de nossos costumes. Abordar temas e histórias que trazem informações de nossos antepassados pode fazer com que as crianças reflitam sobre suas origens e sua história, trazendo novas experiências e uma nova percepção de mundo. A literatura africana e afro-brasileira pode contribuir para a construção de valores morais e

ensinamentos que permitirão que as crianças desde bem pequenas construam a sua identidade, através do conhecimento seus ancestrais aprendendo a valorizar seu pertencimento racial.

O contato com a escola e com as crianças da Educação Infantil através dessa pesquisa me possibilitou rever a percepção de diversas situações cotidianas em sala de aula, detalhes das interações entre as crianças e seus professores, e da postura das professoras diante da necessidade de intervenção pedagógica para trabalhar a diversidade étnico-racial e outras diferenças que compartilham em sala de aula.

Diante da importância de efetivar a Lei 10.639/03, pude concluir que é necessária uma mudança nos discursos de que entre as crianças da educação infantil não há nenhum tipo de preconceitos ou discriminações. Mudanças de posturas e atitudes dos docentes, um maior comprometimento nas práticas pedagógicas, para que o que é declarado seja realmente praticado no cotidiano escolar, não somente em momentos de intervenções e no Dia da Consciência Negra. Na realidade escolar, essa temática até os dias atuais é encarada com pouco interesse pela instituição e pelos professores. Vê-se que o preconceito racial que permanece até os dias de hoje e a sua naturalização é um fator que desacredita e desestimula muitos professores. Todavia, silenciar a escola com esse discurso de falsa ausência de preconceito e discriminação por parte das crianças, faz com que o problema seja dissimulado apesar dos conflitos entre as crianças negras e as não negras.

Acredito que as atividades e eventos realizados não podem ser somente atividades fragmentadas com pouco significado para as crianças, ou ainda que a diversidade cultural tão imprescindível e rica para sua formação não seja folclorizada. Diante disso, é necessária uma maior sensibilização dos professores no tocante à abordagem das questões raciais na escola e ao respeito à diversidade cultural em nosso País.

Conforme informado anteriormente, o objetivo dessa pesquisa seria investigar através de observação e entrevista, as contribuições da literatura no desenvolvimento da construção identitária na educação infantil. Considerando que a escola observada desenvolve insuficientemente as práticas em leitura de expressão literária, principalmente a pequena presença de atividades com textos literários com

foco étnico-racial voltados para crianças, pode-se confirmar a importância de que esse trabalho seja feito. Para que as crianças possam ampliar a sua visão de mundo, conhecer diferentes culturas e construir seu pertencimento de forma reflexiva e autônoma.

A conscientização e a reflexão sobre as práticas pedagógicas podem fazer com que de fato todas as crianças sejam tratadas com respeito e igualdade. Conclui-se, portanto, que é imprescindível uma prática docente que promova a valorização e o reconhecimento das diferenças o respeito ao outro diferente. Desta forma, cabe a nós educadores e a comunidade escolar lutar para que a Lei 10639/03 realmente seja uma prática no dia a dia escolar, para que realmente seja promovido o desenvolvimento integral das crianças. É preciso que a instituição escolar avance e apresente estratégias e ações que construam inovações pedagógicas voltadas ao conhecimento da cultura negra, tendo como principal foco uma educação que contemple a igualdade racial.

## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Em minha trajetória universitária sempre atuei na área administrativa, mas o desejo de fazer a diferença no mundo sempre esteve presente no meu coração, e vi o curso de Pedagogia como uma possibilidade de desenvolvimento humano e me ajudou a compreender a integralidade da educação e suas complexidades. Contribuiu também para o meu desenvolvimento crítico e ampliou a minha visão de mundo, apresentando de alguma forma as diversas possibilidades de atuação do pedagogo.

Durante a minha graduação tive poucas experiências no ambiente escolar, porém saio da universidade com o desejo de iniciar a minha carreira como docente. Pretendo fazer parte do corpo de professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Esse é um objetivo estratégico: ingressar por concurso na rede pública de educação, como futura docente, sempre me encantei com os anos iniciais do ensino fundamental. Porém, no decorrer do curso, passei por experiências que me fizeram com que eu me apaixonasse pela educação infantil.

Apesar do interesse pela docência, acredito na possibilidade, de futuramente em minha carreira profissional, atuar em outras áreas da educação, tais como: direção, coordenação e orientação educacional. Também pretendo aprofundar minhas pesquisas, fazendo mestrado e doutorado, possivelmente na área da educação infantil e suas relações com a prática da educação das relações étnico-raciais.

Como pedagoga espero ser uma profissional comprometida com a minha profissão. Sei que os percursos não são fáceis e que serão muitos desafios a enfrentar como professora. Considerando que a educação é um campo de atividade humana que atua na fronteira entre passado e futuro, estou certa de encontrar forças e inspiração em minhas próprias memórias sem fronteiras. O meu envolvimento como estudante e as vivências positivas de formação, funcionaram como antídoto para o desânimo e a desesperança.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BRANDÃO, José R. **A leitura de mundo procede a leitura da palavra** ( Paulo Freire). Disponível em: <http://joraibral.blogspot.com.br/2008/02/leitura-de-mundo-precede-leitura-da.html>

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 1999.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação (CNE). Parecer 03/2004 de 10 de março do Conselho Pleno do CNE**. Brasília: MEC/SEPPIR, 2004.

BRASIL. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educacional**. Lei 9394/96.

BRASIL. **Lei 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2ª Edição. São Paulo: contexto, 2003.

CNE/CP. **Resolução 1/2004**. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.

CRUZ, A. C. J. ; RODRIGUES, T. C. ; TEBET, G. G. **As Concepções de raça e Educação das Relações Étnicorraciais nas Orientações Curriculares para a Educação Infantil no Brasil**. In: II Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias, 2010, Rio de Janeiro. II Seminário GRUPESCI, 2010.

DIONISIO, Eliane Rabello Correa. **Desconstrução do preconceito: Menina bonita do laço de fita; de Ana Maria Machado**. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

ERIKSON, Erick. H. **Identidade, Juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FAUSTINO, Oswaldo. **Reflexões diante de um espelho sem reflexo**. Nov. 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4).

GEERTZ, Clifford, (1978). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.23, pp.75-85. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>.

GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**. In: **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. CAVALLEIRO, Eliane. São Paulo: Summus, 2001.

JOSÉ FILHO, Mário; DALBÉRIO, Osvaldo. (Org.). **Desafios da pesquisa**. Franca: Ed. UNESP FHDSS, 2006.

JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In: SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). **Literatura Afro-Brasileira**. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVA JUNIOR, Hédio. BENTO, Maria Aparecida Silva. CARVALHO, Silvia Pereira de. **Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades- CEERT/ Instituto Avisa Lá- Formação continuada de Educadores, 2012.

SILVA JUNIOR, Hédio. Bento, Maria Aparecida Silva. **Práticas Pedagógicas para Igualdade Racial na Educação Infantil**. Organizadores - São Paulo: Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades, CEERT, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. São Paulo: Ática, 6ª ed, 2007.

LAJOLO, Marisa. **A Figura do Negro em Monteiro Lobato**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>

LIMA, A. de B; SILVA, F. C. da. **A importância da literatura infantil afro-brasileira e africana no ensino fundamental do SESC – Petrolina/PE**. Pau dos Ferros, v. 02, n. 02, p. 104 – 131, set./dez. 2013.

LUCLKTENBERG, Isabel Maria Barreiros; GRILLO, Patrícia Franco. **Aulas 01 a 04**. Senac: São Paulo, 2016.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000. (Coleção Barquinho de Papel).

MARAFON, Danielle. **Educação Infantil no Brasil: um percurso histórico entre as idéias e as políticas públicas para a infância.** s/d. Disponível em: [www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/.../ZjxYEbbk.doc](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/.../ZjxYEbbk.doc) Acesso em: Abril de 2017.

MARIOSAS, Gilmar Santos e REIS, Maria da Glória dos. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças.** Estação Literária. Londrina, Vagão- volume 8, parte A, p. 42-53, dezembro de 2011. Disponível em < <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8AArt06.pdf> > Acesso em abril de 2017.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes Escola Nova. Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/escola-nova/>>. Acesso em: 19 de abr. 2017.

MOROZ, Melania & GIANFALDONI, Mônica Helena Tieppo Alves. **O processo de pesquisa: iniciação.** Brasília: Plano, 2002.

MUNANGA, Kabengele (Org.), **Superando o Racismo na Escola.** 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204 p.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Áfricas e diásporas na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique.** Salvador: EDUNEB, 2014.

**PARECER CNE/CEB Nº: 15/2010.** Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc\\_download&gid=6702&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=6702&Itemid=)

**PARECER CNE/CEB Nº: 6/2011.** Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc\\_download&gid=8180&Itemid=](http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=8180&Itemid=)

PEIXOTO, Reginaldo; Oliveira, Marcio de; MAIO, Eliane Rose. **Educação Escolar: Uma Necessidade a Partir das Mudanças nas Relações de Trabalho.** Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/artigo\\_simposio\\_3\\_856\\_reginaldopeixoto@bol.com.br.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/artigo_simposio_3_856_reginaldopeixoto@bol.com.br.pdf)> Acesso em: abril de 2017.

PEREIRA, Márcia Moreira; SILVA, Maurício . **Percursos da lei 10639/03: antecedentes e desdobramentos.** Linguagens & Cidadania, v. 01, p. 01-12, 2012.

REYES, CLÁUDIA. R.; MONTEIRO, HILDA. M. (Org.). **Olhar crítico-reflexivo diante da realidade educacional.** 1. ed. São Carlos: EDUFSCAR, 2010. v. 1. 89p.

RODRIGUES, José Carlos, (1986). **O tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Dois Pontos.



SANTOS, Cristina Ferreira dos. **Literatura infantil e a identidade da criança negra: Construção ou negação?** – Salvador, 2010.

SANTOS, Fabrício Barroso dos. **Trabalho infantil no início da Revolução Industrial.** Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/trabalho-infantil-no-inicio-revolucao-industrial.htm> Acesso em: maio de 2017.

SANTOS, Rafael José dos. **A Questão Étnico-racial nas escolas: como o professor interpreta o material didático referente às questões raciais e como o interpreta para os alunos.** Disponível em: <http://www.salesianos.br/wp-content/uploads/2013/12/a-questao-etnico-racial-nas-escolas.pdf>. Acesso em: junho de 2017.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva.** 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, Lucilene Costa e. **Literatura infanto-juvenil de temática afro-brasileira e africana: contando outra história.** Dissertação de Mestrado. Brasília: FE/UnB, 2012.

SIQUEIRA, Eloísa Barroso Gomes de. **Informação, Imaginário e Conhecimento na Literatura Infantil: da Educação Moralizante à Formação da Consciência do Mundo.** Caderno Discente do Instituto Superior de Educação – Ano 2, n. 2 – Aparecida de Goiânia – 2008. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20INFORMA%C3%87%C3%83O,%20IMAGIN%C3%81RIO%20E%20CONHECIMENTO%20NA%20LITERATURA%20INFANTIL.pdf>. Acesso em: abril de 2017.

SOUZA, Luciene. **A importância da Lei 10.639/03 na educação infantil.** Disponível em: <http://www.ceert.org.br/noticias/educacao/11085/a-importancia-da-lei-1063903-na-educacao-infantil-artigo>. Acesso em: junho de 2017.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial na voz das crianças em espaços de educação infantil.** 2011. Tese (doutorado em psicologia da educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. BENTO, Maria Aparecida. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais.** São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** Tradução de José Cipolla Neto et al. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WALTER, Silvana Klenk. **Relações étnico-raciais na escola**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1410-8.pdf> Acesso em: Junho de 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

## APÊNDICE

### Pátio principal



Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017

### Bloco 01 – Nesse bloco ficam as salas das crianças da educação infantil



Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017

### Sala dos professores



Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017

### Biblioteca



Fonte: Daiana Araújo, maio de 2017